



UnB



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Instituto de Ciências Biológicas - IB
Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

**Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas
dos professores de Biologia do Ensino Médio**

NÍVEA APARECIDA ALVES DE MORAIS

Brasília

2020

NÍVEA APARECIDA ALVES DE MORAIS

**Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas
dos professores de Biologia do Ensino Médio**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), na Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Biológicas, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientação: Prof. Dr. JOÃO PAULO CUNHA DE MENEZES

Brasília

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AN734e Alves de Moraes, Nívea Aparecida
Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas
dos professores de Biologia do Ensino Médio / Nívea
Aparecida Alves de Moraes; orientador João Paulo Cunha de
Menezes. -- Brasília, 2020.
96 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Ensino
de Biologia) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Professores de Biologia. 2. Educação Sexual. 3. Livro
paradidático. 4. Ensino de Biologia. 5. Ensino Médio. I.
Cunha de Menezes, João Paulo, orient. II. Título.

NÍVEA APARECIDA ALVES DE MORAIS

**EDUCAÇÃO PARA AS SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE AS
PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE BIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissional em Ensino de Biologia
em Rede Nacional (PROFBIO), na
Universidade de Brasília, Instituto de Ciências
Biológicas, para obtenção do título de Mestre
em Ensino de Biologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Cunha de Menezes (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Paulini (Membro Titular)

Prof.^a Dr.^a Eloisa Assunção de Melo Lopes (Membro Titular)

Brasília, julho de 2020.



Relato de mestrando

Instituição: Universidade de Brasília

Mestranda: Nívea Aparecida Alves de Moraes

Título do TCM: Educação para a Sexualidade: Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia.

Data da defesa: 30/07/2020

Em 2009, iniciei minha vida acadêmica no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Apaixonei-me pelo curso de imediato e, quando ainda estava cursando a graduação, comecei a lecionar disciplinas de Ciências, Física e Biologia em escolas da zona rural de João Pinheiro-MG. Nesse período, ainda muito inexperiente e ingênua como professora, me deparei com muitas dificuldades, aprendi muito com meus alunos e colegas de trabalho. Devo, principalmente aos meus alunos, o meu amadurecimento, aos quais agradeço imensamente. Em 2012, antes de concluir a graduação, fui aprovada no concurso da SEE- MG, para lecionar Ciências e Biologia na rede estadual de Minas Gerais.

Ingressar no Mestrado era um sonho desde que terminei a graduação em 2012, mas a necessidade de trabalhar e cuidar da minha família adiou este sonho. Dedicar-me a um mestrado acadêmico naquele momento não seria possível. Ao ouvir sobre o PROFBIO e sua proposta, pude voltar a sonhar em dar continuidade aos estudos e a oportunidade de cursar o Mestrado se tornava uma realidade. Em 2018, fui aprovada e finalmente pude iniciar o tão sonhado Mestrado.

Conciliar a rotina de professor da rede pública e particular, a vida familiar e a rotina de estudos não foi fácil. Mas, graças ao Mestrado Profissional voltado exclusivamente para professores, o PROFBIO, que não exigia dedicação exclusiva e tinha como um dos requisitos a permanência em sala de aula, consegui conciliar trabalho e estudo. As viagens semanais, após uma semana de muito trabalho, eram exaustivas, foi preciso muita organização, esforço, renúncia e apoio dos meus familiares.

Durante estes dois anos, houveram alegrias, ensinamentos e aprendizagens, fiz amigos que vou levar por toda vida e vivi uma experiência acadêmica inesquecível com aulas de excelência e trocas de experiências, que me levaram a repensar toda a minha prática e a entender meu aluno como protagonista de todo o processo pedagógico, buscando sempre a formação integral desse aluno.

O impacto deste programa em minha prática docente foi muito significativo e me levou a planejar minhas aulas seguindo as estratégias investigativas e, a partir dessa nova abordagem,

pude perceber o envolvimento dos estudantes em cada aula. O diálogo entre teoria e prática propiciado pelo mestrado profissional me fez perceber que os desafios encontrados na sala de aula podem ser superados. Participar do PROFBIO me fez crescer muito: as aulas teóricas, as práticas, os estudos, as trocas de experiências com os professores e colegas com realidades diversas e elaboração dos planos de aulas para a “Aplicação das atividades em sala de aula” foram experiências que só agregaram à minha vida profissional e pessoal.

Agradeço ao PROFBIO por esta transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por ter possibilitado a oportunidade de estar aqui e ter vivenciado esta experiência, inclusive por todas as dificuldades que certamente possibilitaram muitos aprendizados e crescimento.

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada, auxiliando no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Em especial, agradeço:

À Capes pelo financiamento desta pesquisa, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao meu orientador, Professor Doutor João Paulo Menezes, pelo acolhimento, por me oportunizar enorme aprendizado e pela paciência, principalmente neste momento final, que se mostrou como o mais desafiador.

À professora Doutora Zara Faria Sobrinha Guimarães por ter iniciado esta jornada comigo e também por todas as contribuições e sugestões, que foram indispensáveis nesta caminhada.

Aos professores do ProfBio, que tanto contribuíram para minha formação.

Aos meus pais, Iêda da Glória Morais e Waldemir Alves de Morais, pela vida e pelo apoio de sempre, sendo meu porto seguro nos momentos em que mais precisei.

Ao meu esposo, Lucimar Antônio da Silva, pelo amor, auxílio, paciência e parceria em todos os momentos.

Aos meus filhos, Ana Laura e Miguel Antônio, vocês são minha fonte de inspiração. Obrigada por compreenderem minha ausência durante este tempo de estudos.

Aos meus colegas do PROFBIO, turma 2018, pela parceria.

Aos meus amigos de caminhada acadêmica, companheiros de viagem, Henrique Mendes e Patrícia Medeiros da Silva, pelos inúmeros auxílios. Sem vocês, eu não teria conseguido.

Agradecimentos especiais à minha amiga Virgínia Teodoro, sempre solícita em esclarecer minhas dúvidas, amenizando minhas angústias e medos e colaborando com o produto deste trabalho.

A todos, meu muitíssimo obrigada!

É preciso que a educação esteja [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue.

(Paulo Freire)

Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia do Ensino Médio

Nívea Aparecida Alves de Moraes

Macroprojeto: Educação em Biologia para melhoria da saúde

RESUMO

Falar sobre sexualidade para os adolescentes em sala de aula tornou-se algo de grande relevância na atualidade, porque é na adolescência que eles iniciam seus relacionamentos sexuais. A sexualidade é algo natural, porém esse assunto, que é tão comum quanto atual, ainda adquire grande proporção e gera discussão quando é levado para dentro das escolas, por ser considerado por muitos como tabu. O presente trabalho teve como objetivo analisar como a temática Sexualidade é abordada nas escolas pelos professores de Biologia do Ensino Médio, buscando identificar metodologias exitosas, a fim de elaborar um material didático com sugestões de práticas para abordar esse tema. A pesquisa foi realizada em três escolas de João Pinheiro/MG, com dez professores de Biologia, que foram convidados a responder um questionário e, posteriormente, participar de uma entrevista semiestruturada contendo questões relativas à sua prática docente a fim de analisar a importância de discutir esse tema com os adolescentes. A natureza da pesquisa foi qualitativa e a metodologia utilizada foram as aplicações dos questionários e entrevistas. Os resultados encontrados foram satisfatórios, uma vez que nos mostram que os professores, apesar dos obstáculos que dificultam a abordagem de temas relacionados à Sexualidade, sabem da importância e necessidade de se debater essa temática com os estudantes, no entanto necessitam de recursos que os auxiliem em suas práticas. Os resultados nos permitiram constatar, ainda, que a Educação Sexual é uma necessidade e, na opinião dos docentes, diz respeito a todos os professores, não devendo ser restrita aos docentes de Ciências e Biologia. Após a análise dos questionários e entrevistas, foi confeccionado um livro paradidático com roteiros de atividades que poderá ser utilizado como suporte no ensino de Sexualidade. Esse livro apresenta uma abordagem mais ampla e reflexiva para que os estudantes possam participar, socializar informações e vivências, facilitando o aprendizado. O material produzido foi colocado à disposição dos docentes que participaram da pesquisa, visando à atualização destes, bem como propiciando aulas mais dinâmicas, estimulando professores e estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Material didático, Educação Sexual, Livro paradidático Adolescentes.

ABSTRACT

Talking about sexuality for teenagers in a classroom became something of great relevance nowadays, because it is during the adolescence that they begin their sexual relationships. Sexuality is something natural, but this subject that is as common as it is current, still takes great proportion and generates arguments when taken to schools, once it is considered as a taboo.

This study had as its objective to analyse how Sexuality is approached in school by High School Biology teachers, seeking to identify successful methodologies in order to elaborate a didactic material with practical suggestions for the theme. The research was conducted in three different schools in João Pinheiro/MG with ten Biology teachers that were invited to fill in a form and then participate on a half structured interview with questions regarding their practice, in order to analyse the importance of discussing the theme with teenagers. The research was qualitative and the methodology applied was the forms and interviews. The results found were satisfactory once they showed that the teachers, despite the obstacles that bring difficulties to the approach of themes related to Sexuality, know how important and needed are debating this issue with the students, though they need the resources to help them in their practices. The results allowed us to state that Sexual Education is a necessity and, for the teachers, it concerns all teachers and not only Science and Biology ones. After the analysis of the forms and interviews, a paradidactic book was made with activities scripts that can be used as a support for the teaching of Sexuality. This book presents a broader and more speculative approach so that the students can participate, socialize information and living, facilitating the learning process. The material that was produced was put at the disposal of the teachers who participated in the research, aiming at their updates as well as producing more dynamic classes, encouraging teachers and students.

key words: Teaching of Biology. Didactic Material, Sexual Education, Paradidactic Book for Teenagers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma ilustrativo das etapas de desenvolvimento da pesquisa.....	26
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Percepção dos professores quanto ao preparo e vontade de abordar a temática sexualidade.....	33
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.....	41
BNCC – Base Nacional Comum Curricular.....	14
DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis.....	10
EJA – Educao de Jovens e Adultos.....	21
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	11
ISTs – Infecoes Sexualmente Transmissíveis	10
OMS – Organizao Mundial da Saúde	10
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.....	14
DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio.....	14
PPP – Projeto Político Pedagógico.....	15
SPE – Saúde e Preveno nas Escolas SNC – Sistema Nervoso Central.....	42
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	23
UnB – Universidade de Brasília.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 OBJETIVOS	18
2.1 Objetivo Geral	18
2.2 Objetivos específicos	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 O papel da escola e dos professores ao tratar do assunto sexualidade com os adolescentes	20
4 MATERIAIS E MÉTODOS	25
4.1 Campo de pesquisa	25
4.1.1 Caracterização das escolas	26
4.2 Participantes da pesquisa	27
4.2.1 Formação profissional	27
4.3 Instrumentos de coleta de dados	28
4.4 Submissão ao Comitê de Ética	29
4.5 Procedimentos de pesquisa	29
4.5.1 Os encontros com os professores	30
1º encontro: Qual é o meu papel como professor no que diz respeito à educação sexual?	31
2º encontro: Socialização das práticas e organização do material	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
5.1 ESTRUTURA DO LIVRO PARADIDÁTICO	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA E PERSPECTIVAS	49
7 REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A: Questionário:	57
APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista	60
APÊNDICE C- Termo de consentimento livre e esclarecido	59

APÊNDICE D- Livro paradidático 63

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade, o tema sexualidade ainda é pouco discutido, sendo considerado por muitos como um tema tabu. Segundo Oliveira et al. (2018), assuntos voltados para a temática da sexualidade ainda são vistos como um tabu, tendo em vista que o tema recebe forte intervenção cultural e está ligado a mitos, preconceitos e conceitos errados, tornando-o um assunto polêmico e desafiador para a prática do professor. Para Gonçalves et al. (2013), a família se sente insegura e, muitas vezes, constrangida em dialogar sobre sexualidade. Os autores afirmam ainda que esse bloqueio é reflexo de uma sexualidade reprimida, na qual a maioria das pessoas foi submetida e que é compartilhada de geração em geração, associando a sexualidade ao pecado e induzindo as famílias a evitarem falar sobre o assunto.

Figueiró (2018) observou que uma das dificuldades encontradas para que o tema seja trabalhado nas escolas é que os professores, em sua maioria, não foram preparados para lidar com temas que envolvam a sexualidade e a educação sexual, fazendo com que essa temática seja evitada sempre que possível. Nesse contexto, Martins et al. (2011) destacam a importância da educação sexual nas escolas, já que o ambiente escolar é um espaço que promove conhecimento e é onde os adolescentes passam grande parte do dia, expressando suas dúvidas, medos e sentimentos. Na escola, as práticas educativas favorecem reflexões e discussões, que ampliam o conhecimento ao abordar questões do seu cotidiano, entre elas a sexualidade e a vulnerabilidade dessa fase de vida.

O rompimento dessas dificuldades deve estar intimamente ligado à relação que os alunos possuem com seus professores, que, por meio do diálogo aberto e franco, culmina por sanar várias dúvidas sobre a sexualidade, na medida em que muitos jovens não obtêm esse tipo de orientação em casa. No entanto, como já mencionado, muitos professores consideram não estar preparados para lidar com as inquietações dos jovens. Britzman (2018) argumenta que abordagens como o uso de testemunhos, teatro e discussões do tipo mesa-redonda revelaram-se bastante eficazes para mostrar aos alunos a relevância desse conhecimento para suas vidas. Um trabalho bem orientado pelo professor que envolva o tema sexualidade deve englobar temas recorrentes como: relações de gênero, respeito para com o próximo, diversidades culturais na sociedade, entre outros. Deve incluir, também, a importância da prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez na adolescência, mas o mais importante é ter como objetivo a superação de tabus e a eliminação de preconceitos (BRASIL, 1998).

Importante salientar que a expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), que significa um grupo de doenças que podem ser transmitidas sexualmente sem uso de

preservativos, está atualmente em desuso, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). O termo foi substituído por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em 2016. Nesse sentido, o objetivo da nova terminologia foi tornar o termo mais abrangente, incluindo, além das doenças sintomáticas, aquelas que não apresentam sintomas. Esse novo conceito é recomendado pelo Ministério da Saúde no Brasil a fim de facilitar a identificação dessas síndromes e suas abordagens adequadas BRASIL (2016).

Assim, o trabalho docente precisa ser voltado ao esclarecimento dos adolescentes de forma direta e sem rotulação. Analisar os pontos positivos e negativos sobre a forma de expor essa temática para o aluno é um dos grandes desafios do professor ultimamente. Falar sobre sexualidade para os adolescentes em sala de aula tornou-se algo de grande relevância para a atualidade, porque é na adolescência que eles iniciam seus relacionamentos sexuais. Queiroz e Almeida (2017) definem adolescência como sendo a passagem da infância para a vida adulta, uma fase marcada por transformações intensas, tanto físicas quanto psicossociais. Ainda conforme as autoras, é nessa fase da vida que a Educação Sexual se faz mais necessária e urgente, uma vez que muitos estão iniciando a vida sexual nesse momento e necessitam de informações claras, apoio e compreensão.

De acordo com pesquisas do Ministério da Saúde, a idade média do início da vida sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que as mulheres a iniciam mais tardiamente (BRASIL, 2000). Dados mais recentes demonstram que 28% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, entrevistados pela Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2016, já tiveram relação sexual (IBGE, 2016).

É oportuno advertir que muitos adolescentes iniciam a vida sexual com pouco ou nenhum conhecimento sobre as IST's, além de apresentarem uma sensação equivocada sobre os riscos de contrair essas infecções, justificando, assim, a necessidade dos professores se posicionarem acerca de questões relacionadas à Educação Sexual (NERY et al., 2015). Figueiró (2018) salienta que levar o adolescente a refletirem e se posicionarem acerca de assuntos relacionados à cidadania, aos direitos humanos e às questões sociais pode contribuir para que esses indivíduos aprendam a adotar práticas preventivas.

O esclarecimento sobre sexualidade deve iniciar em casa, porém, já que muitos pais sentem-se impossibilitados de falar sobre tal assunto, esse papel fica a cargo das escolas e professores, que deveriam, assim, dialogar com os adolescentes a esse respeito, oferecendo informações claras e precisas, uma vez que muitos alunos, embora tenham acesso a alguma

informação sobre esse tema nas redes sociais, estão iniciando sua vida sexual sem o conhecimento ou a maturidade necessários.

Pela proximidade com o tema, geralmente, cabe ao professor de Biologia abordar as questões sobre sexualidade. Para Altmann (2007), embora o tema sexualidade esteja inserido no currículo como tema transversal, na prática, a educação sexual tem sido trabalhada nas aulas de Ciências ou de Biologia, pelo fato de ser uma área que abarca temas relacionados à reprodução e outras especificidades presentes nos livros didáticos. Diante do exposto, um material com roteiros de atividades para discutir com os alunos este assunto pode auxiliar os professores no aprofundamento do tema de uma forma clara, abrangendo aspectos psicológicos, sociais e culturais da sexualidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar como os professores de Biologia abordam o tema sexualidade em suas aulas, para que seja desenvolvido um Livro Paradidático (LPD) com estratégias didáticas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Objetivos específicos

- a) Verificar como o tema Sexualidade é trabalhado no cotidiano da sala de aula;
- b) Identificar o conhecimento e as metodologias dos professores acerca do tema Educação Sexual;
- c) Identificar facilidades e dificuldades que os professores de Biologia apresentam ao abordarem o tema em sala de aula.
- d) Elaborar um Livro Paradidático com roteiros de atividades referentes ao tema Sexualidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade é uma dimensão fundamental de todas as etapas da vida de homens e mulheres, envolvendo práticas e desejos relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde (BRASIL, 2006). Conforme definem Carvalho

et al. (2009), sexualidade é algo que envolve escolhas, inclinações e experiências físicas e comportamentais, conduzidas a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos.

Nessa linha de pensamento, Figueiró (2018) afirma que:

A sexualidade é um elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, a comunicação, as relações de gênero, o respeito, a alegria de viver e o conjunto de normas culturais relacionadas à prática sexual. [...] abarca ainda, o gênero, a identidade sexual, a orientação sexual e a identidade de gênero (FIGUEIRÓ, 2018a, p. 69).

Portanto, a sexualidade não pode ser vista apenas de forma biológica ou sob o viés dos desejos e prazeres; ela vai além, diz respeito também à maneira como cada indivíduo trata o próximo. Como pode assegurar Louro (2018), a sexualidade pode ser estudada e concebida de diversas maneiras, por todos os envolvidos no decorrer do tempo e das culturas, devendo ser entendida não apenas como algo pessoal, mas considerada também em seu contexto político e social.

Santos (2020) confirma que a Sexualidade deve ser compreendida no âmbito cultural e histórico e não apenas como um processo individual, pois seu desenvolvimento está relacionado ao meio social a partir de interações e vivências do indivíduo. O autor destaca ainda que a Sexualidade está sujeita a sofrer mudanças, não sendo, portanto, constituída por conceitos imutáveis.

No entanto, o tema sexualidade ainda é difícil de ser abordado nas escolas; muitas vezes, os pais não se sentem preparados para debater o assunto, por isso não proporcionam uma abertura para o diálogo em casa. Percebe-se que esses pais delegam a responsabilidade de abordagem do tema para os educadores, que discutem o assunto mesmo sem estar preparados, uma vez que a sexualidade ainda não é explorada de maneira adequada no contexto escolar e encontra-se cercada de tabus (NOTHAFT et al., 2014). A sexualidade está presente na nossa vida desde o momento da nossa concepção, mas ainda é vista como algo intocável e proibido, que muitas vezes não é tratada em casa pelos pais. As instituições de ensino, por sua vez, ao abordarem esse tema, podem ser interpretadas como incentivadoras (AQUINO, 1997).

Segundo Figueiró (2018), ao discutir sobre o tema sexualidade em sala de aula, o professor depara-se com algumas inquietações que se tornam visíveis e, muitas vezes, o significado que muitos atribuem a ela não é completo, restringindo-a como algo relacionado apenas ao ato sexual. Abordar o assunto em sala de aula não significa, no entanto, estimular o início prematuro da vida sexual e sim incentivar a construção de uma consciência sobre a vida sexual, garantindo escolhas seguras, saudáveis e autônomas. A esse respeito, Oliveira (1997)

relatou estudos demonstrando que programas educativos não aumentam nem estimulam a atividade sexual precoce e que os que recomendam postergação e sexo protegido foram mais eficazes do que os que recomendam abstinência.

De acordo com Altmann (2001), esse tema está diretamente ligado à escola e:

[...]se encontra presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas (ALTMANN, 2001, p. 575).

A temática relacionada à sexualidade ganhou maior destaque nos últimos anos nos documentos curriculares oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM). Para os PCN's (BRASIL, 1998), a orientação sexual deve ser tratada ao longo de todos os ciclos de escolarização, principalmente a partir da quinta série (atual sexto ano). Além da transversalização, o tema comporta uma sistematização e um espaço específico, indicando uma necessidade de intensificação dos trabalhos a partir dos ciclos finais do ensino fundamental.

Ainda para os PCN's:

Do sexto ano em diante, os alunos já apresentam condições de canalizar suas dúvidas ou questões sobre sexualidade para um momento especialmente reservado para tal, com um professor disponível. Isso porque, a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas sobre sexualidade e já apresentam necessidade e melhores condições para refletir sobre temáticas como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição e outras (BRASIL, 1998, p. 308).

Portanto, para os PCN's, o assunto deve ser trabalhado de forma gradativa até chegar à idade certa para o seu aprofundamento. Nesse sentido, percebe-se a predominância de um trabalho voltado à educação sexual, que leve os estudantes à refletirem sobre temáticas que envolvam o universo da sexualidade, o que está em comum acordo com as proposições do documento.

Para Altmann (2001), o caráter educativo da orientação sexual nos PCN's está vinculado à visão de sexualidade presente no documento.

A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo” sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados (BRASIL, 1998, p. 580).

Usando a estratégia da informação e do diálogo, nota-se o quanto é importante o trabalho realizado pelos professores e pelas escolas. Assim, os adolescentes podem expressar sua

identidade, desejos e comportamento sexual, fazendo um confronto com as informações oferecidas pelo professor por meio do assunto abordado. De acordo com os PCN's,

“a explicitação dessas informações e fantasias relacionadas com as mudanças do corpo e com a reprodução possibilita tratar o assunto de modo claro, diminuir a ansiedade e assimilar noções corretas do ponto de vista científico” (BRASIL, 1998, p. 321).

Conforme Zampero et al. (2018), na adolescência, o estudo da sexualidade não deve se limitar apenas ao aprendizado do corpo humano e da afetividade envolvida na sexualidade, mas abranger também questões que envolvem o contexto social e cultural, proporcionando a tomada de decisões e o cuidado com si e com o outro. Os autores salientam, ainda, que nos PCN's do Ensino Médio não há referências sobre relações de gênero, discriminação e homossexualidade.

Nas DCNEM's (BRASIL, 2013), a proposta transdisciplinar apresentada nos PCN's é ratificada, com o objetivo de inserir temas atuais como sexualidade, relações de gênero e diversidade sexual no currículo escolar. O documento enfatiza ainda que o Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas deve conter atividades que promovam a saúde física e mental, saúde sexual e reprodutiva e prevenção ao uso de drogas (BRASIL, 2013). Vale ressaltar que assuntos como gênero e diversidade sexual são apontados nas DCNEM's a fim de prepararem os estudantes para o convívio com as diferenças e diminuição do preconceito.

A recém homologada Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) que se apresenta como um documento substituto aos PCN's e traz competências gerais para a Educação Básica. Percebe-se que a abordagem do tema é restrita ao oitavo ano do ensino fundamental e relacionada aos conteúdos de reprodução, estando inserida na unidade temática “Vida e Evolução”. Percebemos, ainda, uma abordagem da temática sexualidade apenas na dimensão biológica, além de silenciar questões de gênero e tratar questões relacionadas aos Direitos Humanos de forma superficial, apresentando deficiências similares as dos PCN's.

No que se refere ao Ensino Médio, não há explícito, no seu texto, os termos sexo, sexualidade e gênero, nem tampouco em suas habilidades e competências. No entanto, o documento considera que é responsabilidade da escola identificar e analisar vulnerabilidades vinculadas aos desafios aos quais os jovens estão expostos, levando em consideração as dimensões física, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar.

Silva, Brancaloni e Oliveira (2019) afirmam que, em relação à Educação Sexual, a BNCC não apresentou avanços sobre os PCN's, o que pode colaborar para que essa temática

não seja inserida nos processos educacionais. Zompero et al. (2018) reiteram que a BNCC, por se tratar de um documento oficial que orienta propostas curriculares de todos os estados, necessita contemplar a temática sexualidade de forma mais específica, principalmente em suas habilidades que expressam o que de fato precisa ser aprendido pelos estudantes, a fim de facilitar o trabalho dos professores. Embora o documento não aborde o assunto sexualidade propriamente dito, reconhece como uma das finalidades do Ensino Médio o autoconhecimento e autorresponsabilidade com o corpo, sentimentos, emoções e relações interpessoais, evidenciando o autorrespeito e o respeito mútuo, assuntos que podem fazer os professores oportunizar o diálogo sobre sexualidade em suas aulas. Porém, oportunizar não significa realizar, ficando a abordagem de acordo com o interesse do docente, já que não há a obrigatoriedade nos documentos.

Daher (2018) é assertiva ao registrar que, embora os termos Orientação Sexual e Gênero tenham sido suprimidos da BNCC, o debate acerca dessas temáticas não precisa ser excluído da prática do professor, pois ainda há bases legais para a abordagem das questões relacionadas à Sexualidade e Gênero no ambiente escolar. A autora destaca ainda que assuntos relacionados aos Direitos Humanos e discriminação seguem presentes no documento e devem ser abordados. Quaisquer tentativas de impedir esses debates são inconstitucionais, pois infringem os princípios de igualdade e condições de acesso e permanência na escola, a liberdade de aprender e ensinar e a não discriminação (DAHER, 2018). Soares e Monteiro (2019) apontam que a supressão dos termos gênero e orientação sexual na BNCC é um retrocesso, no entanto isso não quer dizer que temas relacionados a esses assuntos não possam ser abordados pelos professores, tendo em vista que ainda constam nos PCN's e DCNEM, documentos que, embora sejam menos recentes, ainda continuam vigentes. Além disso, esses temas são solicitados pelos próprios adolescentes.

3.1 O papel da escola e dos professores ao tratar do assunto sexualidade com os adolescentes

O papel da escola, enquanto instituição de ensino, é transmitir aos adolescentes conhecimentos necessários para que estes possam viver em sociedade. Ao levar o conhecimento sobre a sexualidade, a escola deve ter a noção de que este ensino tem que ser por completo, ou seja, deve falar a linguagem dos jovens para que eles possam entender o que está sendo repassado (FIGUEIRÓ, 2016). O convívio escolar que os adolescentes têm entre si e suas

brincadeiras são motivos para que eles envolvam assuntos sobre sexualidade, e cabe à escola estimular a criticidade, a reflexão e não tentar reprimir o assunto.

Foucault (1993), no livro *A História da Sexualidade*, tem uma visão bastante clara quando o assunto é repressão; ele a chama de hipótese repressiva. Segundo essa hipótese, houve uma época marcada como era da repressão, momento em que o capitalismo exigia que a energia não fosse gasta com prazeres, exceto para a reprodução, o que passava a mensagem de que o prazer causava transtornos mentais e doenças físicas. Nesse livro, o autor faz vários questionamentos a respeito dessa repressão, mostrando que certas explicações não podem ser encaradas como únicas e verdadeiras, interrogando a hipocrisia da sociedade que tende a esconder a verdade sobre o sexo.

Para minimizar a repressão social, Foucault (1993) acredita ser papel do professor orientar e criar momentos em que a reflexão, o debate e as rodas de conversas possam vir a auxiliar o adolescente em sua inquietação sobre a sexualidade e, depois de ouvir essas informações dos adolescentes, responder de maneira concisa e correta a dúvida que este lhe apontou. Já a escola recebe o papel de campo para orientação, de espaço para discussões e, principalmente, para reflexões sobre dúvidas e anseios.

Com as devidas orientações da escola e do professor, é importante colocar em prática a reflexão de que: “Trabalhar a sexualidade na escola não significa incentivar a prática sexual, mas sim resgatar valores para a vida e desenvolver a autoestima” (SILVA, 2002, p.22).

Nesse contexto, Miranda (2015) destaca que não cabe à escola o papel de impor verdades ou tomar decisões pelos estudantes e sim ser um alicerce na obtenção do conhecimento, buscando a reflexão e discussão sobre temas relacionados à Sexualidade e atuando como auxiliar no processo de formação do jovem. Santos (2016) reitera que o papel da escola é criar possibilidades para uma Educação Sexual emancipatória, que ressalte a valorização da vida e o respeito a si e aos outros, a fim de promover a autonomia dos sujeitos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Ainda conforme a autora, o processo educacional deve pautar-se em uma troca entre professores e alunos. Nesse processo, o conhecimento prévio do estudante deve ser valorizado e o professor, baseado nessas percepções dos estudantes, deve trazer informações novas, sempre respeitando as individualidades, promovendo o diálogo e transmitindo confiança, não sendo permitido ao educador emitir opiniões pessoais ou agir de forma desrespeitosa e preconceituosa. Devido a isso, faz-se necessário que os profissionais

envolvidos sejam flexíveis, dinâmicos e leve em consideração a multiculturalidade (SANTOS, 2016), bem como, os diferentes pontos de vista e compreensões sobre o tema.

Conforme Figueiró,

A finalidade maior da Educação Sexual é contribuir para a possibilidade de o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele seja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor cujo objeto de ensino é a sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (FIGUERÓ, 2014, p. 19).

Segundo Guerra, Cusati e Costa (2018), cabe aos docentes iniciarem processos de mudanças e alterações na forma de abordagem da Educação Sexual na escola, a fim de buscarem alternativas para os desafios provenientes das transformações sociais; reforçam, ainda, que diante de tantas mudanças não há mais espaço para discriminações, omissão e desinformação.

Desse modo, cabe aqui questionar por que tratar de assuntos relacionado à Sexualidade se mostra tão desafiador para os professores. Molina e Santos (2018) afirmam que os valores morais dos professores podem dificultar a abordagem dessas temáticas em sala de aula, suprimindo do ambiente escolar dúvidas específicas ou particulares dos estudantes e uma negação do sexo como fonte de prazer, deixando de lado temáticas de interesse dos alunos.

Sarmiento et al. (2018) destacam que, para superar as dificuldades encontradas ao inserir temas relacionados à Educação Sexual no âmbito escolar, é necessário que os educadores se livrem de preconceitos e tabus, a fim de construir uma relação baseada no diálogo e na confiança mútua. Louro (2018) nos aponta que, devido às dificuldades de abordagem sobre temáticas relacionadas à Sexualidade, a escola que deveria ser um lugar de conhecimento e aprendizado se mantém, com relação à Sexualidade, como o lugar do obscurantismo e desinformação.

Corroborando com a citação anterior, Barbosa e Folmer (2019 p. 234) também afirmam que “há indícios de que os adolescentes almejam e necessitam de um espaço de escuta dentro da escola, para que suas dúvidas e curiosidades sejam acolhidas e sanadas da melhor maneira possível, sem mitos ou inverdades”. Britzman (2018) reitera que é necessário que os professores revejam seus conceitos e representações acerca do sexo, a fim de que estejam abertos para o debate e esclarecimento de dúvidas.

Barbosa e Folmer (2019) mostram que outro desafio enfrentado pelos professores e que dificulta o desenvolvimento da Educação Sexual na escola é a aprovação dos pais. Segundo os autores, alguns pais se mostram receosos quanto ao acesso de seus filhos a informações

relacionadas à Sexualidade e sugerem envolvê-los nas discussões como forma de diminuir a resistência dos mesmos.

Outro desafio encontrado pelos professores é a carência de materiais e recursos didáticos, dificultando a abordagem e desenvolvimento de atividades voltadas para a Educação Sexual. Para Oliveira, Santana e Schunemann (2017), essa falta de material didático acaba por acarretar pouco envolvimento ou estímulo dos docentes para desenvolverem o trabalho de Educação Sexual. Isso faz com que os professores se sintam inseguros e desmotivados a exercer o papel de educadores sexuais.

Portanto, como mostram Nogueira e colaboradores (2016), é importante que o material didático utilizado pelo professor aborde o aspecto social e psicológico da Sexualidade e não apenas o aspecto biológico, sendo capaz de conduzir o aluno à reflexão, questionamento, debate, experimentação e investigação, estimulando-o a buscar respostas acerca de suas inquietações e não o conhecimento pronto e acabado.

Nesse contexto de busca de estratégias para facilitar a abordagem da educação sexual pelos professores, o uso do livro paradidático é um recurso didático mais contextualizado, que articula teoria e prática, com atividades que despertam o interesse do aluno em entender melhor o tema. Melo (2004) conceitua livro paradidático como sendo, qualquer livro utilizado como um apoio didático em sala de aula, visando aprofundar alguns conteúdos que o livro didático não alcança, além disso, foca em temas com abordagens mais objetivas e contextualizadas.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste capítulo, será apresentada a metodologia utilizada para alcançar os objetivos desta pesquisa. Serão apresentados os métodos utilizados, os sujeitos envolvidos na pesquisa, os procedimentos e instrumentos para a coleta de dados.

4.1 Campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores de Biologia de três escolas da rede pública de João Pinheiro - Minas Gerais, sendo elas: Escola Estadual Quintino Vargas; Escola Estadual João Guimarães Rosa e Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves. O município de João Pinheiro insere-se na porção noroeste de Minas Gerais (MG), na microrregião de Paracatu. Sua

população estimada em 2015 era de 48.179 habitantes (IBGE, 2015). A população distribuiu-se, além do distrito sede de João Pinheiro, nos distritos de Caatinga, Canabrava, Luizlândia do Oeste, Olhos d'Água do Oeste, Santa Luzia da Serra e Veredas. Além dos distritos, João Pinheiro se constitui de nove vilas (Almas, Malhada Bonita, Rural Minas I e II, Olaria, Parque das Andorinhas, Riachinho do Gado Bravo, Riacho do Campo, São Sebastião, Tauá, e Vereda Malhada), além de dezoito núcleos de pequenos e médios produtores rurais, bem como por, ao menos, três núcleos de colonização, relacionados à reforma agrária.

4.1.1 Caracterização das escolas

A Escola Estadual Quintino Vargas localiza-se na cidade de João Pinheiro-MG e é uma escola central, que recebe estudantes de vários bairros da cidade, oferecendo ensino para 1280 estudantes distribuídos em três períodos: manhã, tarde e noite, além de possuir três turmas de Ensino Médio no Segundo Endereço, na Escola Municipal João Rezende, localizada na fazenda Fruta D'antas, sendo uma turma de 1º ano, uma turma de 2º ano e outra turma de 3º ano, totalizando 75 estudantes no total.

No período da manhã, funcionam doze turmas de Ensino Médio regular; no período da tarde, doze turmas de Ensino Fundamental II e, no período noturno, são ofertadas turmas de Ensino Fundamental II e Médio na modalidade EJA, Ensino Médio Regular e Ensino Técnico. A escola possui doze salas amplas, com mobiliário em boas condições, em que todas as salas possuem quadro branco e TV de 42 polegadas já conectadas à internet. Possui ainda biblioteca, sanitários femininos e masculinos para os estudantes, laboratório de informática com trinta computadores novos e com acesso à internet, sala de multimídia, duas quadras de esportes, teatro e um espaço ao ar livre com duas tendas com mesas e cadeiras.

A Escola Estadual “João Guimarães Rosa”, integrante à Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, está localizada na comunidade de Rural Minas I, na Avenida das Acácias Nº 480, próximo a BR 040, há 12 km do município de João Pinheiro- MG. Funciona como Unidade Estadual de Ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio Regular. A Escola Estadual João Guimarães Rosa conta com turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, com 25 alunos no 1º ano, 20 alunos no 2º ano e 24 alunos no 3º ano.

A escola está situada a 14 km da sede do município e funciona em dois turnos: matutino e vespertino. Possui 186 alunos, em que 69 cursam o Ensino Médio Regular no turno matutino e 117 alunos cursam os anos finais do Ensino Fundamental no turno vespertino, perfazendo um

total de 6 turmas, sendo 4 turmas de o Ensino Fundamental e 3 turmas do Ensino Médio. O prédio conta com 6 salas de aula, instalações sanitárias feminina e masculina para alunos, 1 sala de professores com banheiro, 1 sala de supervisão, 1 pequena biblioteca, 1 cantina com refeitório, 1 sala de informática, 3 salas que funcionam como direção, secretaria, almoxarifado e dispensa, contendo também um banheiro no setor. A internet é disponibilizada somente em alguns computadores, que são utilizados pelos professores. Os alunos não têm acesso à Internet.

A Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves está localizada no Bairro Alvorada, na Rua Pedro Silveira S/N, e atende a estudantes de bairros próximos e da zona rural de João Pinheiro. Funciona como Unidade Estadual de Ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio Regular, nos turnos matutino e vespertino. A estrutura física conta com 12 salas de aulas, 1 sala de informática, 1 quadra de esportes e 1 teatro. Possui ainda sanitários masculinos e femininos, cantina ampla, salas reservadas para a direção, supervisão, secretaria escolar e sala de professores.

A escolha das instituições de ensino se deu seguindo os seguintes critérios:

- Pertencer à Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais;
- Possuir turmas de Ensino Médio;
- Ter professores que aceitassem participar da pesquisa.

4.2 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa um grupo de 10 docentes do Ensino Médio, com graduação em Biologia, que atuavam em escolas públicas da cidade de João Pinheiro- MG, e que aceitaram os termos da pesquisa, disponibilizando-se a fazer parte do trabalho, sendo cinco professores/as da E.E. Quintino Vargas, quatro professores/as da E.E Tancredo de Almeida Neves e uma professora de E.E. João Guimarães Rosa. Com o intuito de preservar a identidade dos professores adotou-se a letra P seguida de numeral 1 (P1) para denominar o professor 1, P2 para denominar o professor 2 e assim sucessivamente. As faixas etárias dos participantes variam de 25 a 58 anos, sendo dois professores de 25 a 35 anos, cinco professores com idade entre 36 e 45 anos e três com faixa etária entre 46 a 58 anos.

4.2.1 Formação profissional

Todos os professores entrevistados possuem graduação em Biologia, sendo que nove deles contam ainda com especialização em áreas afins da biologia como Botânica, Bioquímica, Microbiologia e Metodologia do Ensino de Biologia.

Em relação ao tempo de atuação dos professores participantes da pesquisa na escola, cinco já estão há mais de 6 anos na mesma escola; dois já estão na escola num período compreendido entre 3 a 6 anos; dois estão na escola no período de 1 a 3 anos e um está na escola há 1 ano.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi feita mediante aplicação de questionários aos docentes. Esses instrumentos possibilitaram perceber suas concepções acerca da Educação Sexual. O questionário foi dividido em duas partes: a primeira abrangeu a apresentação do entrevistado na intenção de qualificação da amostra e a segunda parte foi constituída por quinze perguntas sobre sexualidade, as quais correspondiam à opinião pessoal (APÊNDICE B).

Além da aplicação dos questionários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores que apresentaram interesse e disponibilidade para participarem dessa etapa da pesquisa. Dos dez professores convidados, três aceitaram participar das entrevistas. A entrevista atuou como forma de complementar e esclarecer possíveis lacunas deixadas pelo questionário. As entrevistas foram realizadas na escola, em sala reservada e individualmente. Segundo Ludke e André (1986), a entrevista é bastante eficaz na coleta de informações desejadas, criando espaços de construção conjunta de materiais sobre o tema. Para manter o sigilo e a confidencialidade da identidade dos/as entrevistados/as, estes foram designados no texto como Entrevistados (E.1), (E.2) e (E.3) (APÊNDICE B).

Antes de iniciar a aplicação dos questionários e a realização das entrevistas, foi fornecido a cada participante o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), no qual explicitamos o nosso comprometimento com a questão ética da pesquisa. O documento foi assinado pelo pesquisador, que se comprometeu com a ética do anonimato e com o respeito às falas registradas, e a assinatura dos/as participantes da pesquisa, que declaram seu consentimento em fornecer os dados.

Após a aplicação dos questionários e realização das entrevistas, os professores foram convidados a participarem de dois encontros na escola, a fim de discutir e socializar estratégias didáticas para a elaboração do livro paradidático.

Na realização do projeto, foi garantida, a cada professor, a liberdade de opinião e o direito de não se manifestar, caso não se sentisse confortável para isso, seja qual fosse a circunstância e/ou etapa do desenvolvimento das atividades. Foi expressamente garantido que

o(a) professor(a) poderia se recusar a responder qualquer questão ou participar de qualquer procedimento que lhe causasse descontentamento ou mal-estar, além disso, poderia se retirar da atividade ou faltar a encontros, não havendo dano.

A participação na pesquisa foi voluntária, não havendo nenhum tipo de remuneração pela colaboração. Constitui um benefício para os participantes a experiência de debater com outros professores e ampliar seu horizonte conceitual sobre a temática Sexualidade. Pode-se salientar como possíveis riscos gerados pela pesquisa: Constrangimento, cansaço, gasto de tempo no decorrer dos encontros e quebra de anonimato. Foi ofertado ambiente adequado, suporte e atenção aos participantes, em todos os momentos da pesquisa, bem como interrupção das atividades, prontamente quando solicitada, como forma de minimizar possíveis riscos e desconfortos.

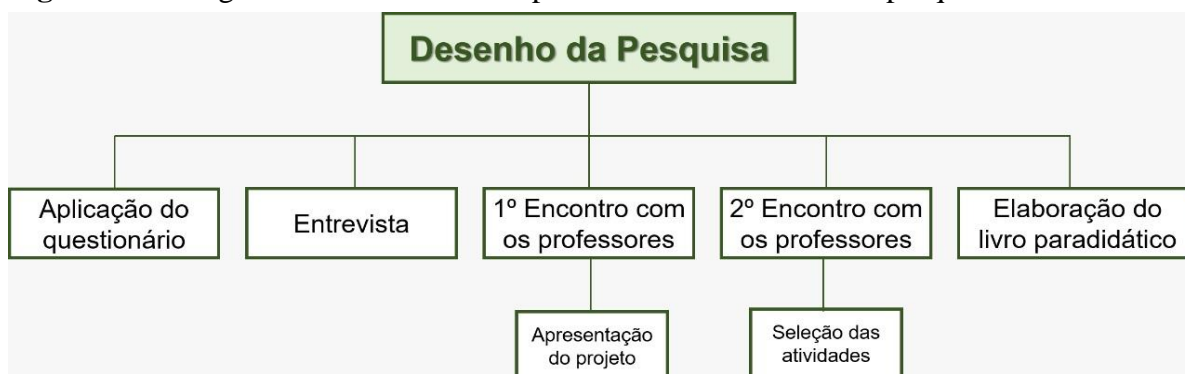
4.4 Submissão ao Comitê de Ética

O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, incluindo os questionários, termos de consentimento e assentimento propostos, com aprovação pelo Comitê no dia 15 de janeiro de 2020 sob o CAAE: 18487619.9.0000.0030 (APÊNDICE C).

4.5 Procedimentos de pesquisa

Para a presente investigação, foram utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa em Educação. Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes, enfatizando mais o processo do que o produto.

Figura 1: Fluxograma ilustrativo das etapas de desenvolvimento da pesquisa.



A construção do produto, um livro paradidático com roteiros de atividades sobre Sexualidade, foi feita de forma colaborativa junto aos docentes participantes da pesquisa que sugeriram práticas que consideravam facilitadoras na abordagem do tema, na intenção de que o material produzido viesse a sanar a carência de material sobre Sexualidade, podendo ser testado e utilizado em sala de aula por outros professores.

As análises das questões do questionário e das entrevistas se deram por meio da metodologia de Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2006), em que

[...]um processo [de análise] se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.118)

As categorias de análise foram idealizadas *a posteriori* e serviram para descrever os sujeitos de pesquisa e suas opiniões sobre o ensino de sexualidade na escola.

Com base nesses dados, pretendeu-se verificar quais são as metodologias usadas pelos professores de Biologia dessas escolas para abordar a educação sexual em sala de aula, bem como os principais desafios enfrentados por eles. Com essas informações, foi possível construir, em conjunto com os professores, materiais que os auxiliem e facilitem a abordagem da educação sexual/sexualidade no âmbito escolar.

Para isso, os professores foram convidados a participar de encontros na Escola Estadual Quintino Vargas, onde foram discutidas e socializadas as práticas consideradas por eles mais bem-sucedidas, que foram usadas na elaboração do livro paradidático. Para registrar os acontecimentos, foi utilizado um diário de campo, com os relatos dos encontros.

4.5.1 Os encontros com os professores

Foram realizados encontros para definir e elaborar o material paradidático. Os encontros aconteceram no horário de cumprimento de módulo II (horário destinado ao planejamento dos professores), que aconteciam todas as terças-feiras às 17:30. Foram realizados dois encontros de, aproximadamente, cinquenta minutos cada, uma vez por semana, entre os meses de fevereiro e março de 2020, em datas previamente agendadas com os professores. Todos os materiais necessários para a realização de cada encontro foram distribuídos pela pesquisadora, não acarretando despesa alguma para os participantes. Ressaltou-se o aspecto sigiloso dos

dados, não sendo em momento algum identificados os docentes em suas opiniões e depoimentos, que foram fornecidos por iniciativa dos mesmos.

4.6.1.1 Encontro 1: Qual é o meu papel como professor no que diz respeito à educação sexual?

O primeiro encontro aconteceu na Escola Estadual Quintino Vargas e teve início com uma breve apresentação dos participantes e dos objetivos dessa etapa da pesquisa.

Após esse primeiro momento do encontro, os professores foram convidados a participar de uma roda de conversa. A escolha dessa técnica ocorreu, principalmente, por sua característica de possibilitar que os participantes expressem simultaneamente suas percepções, impressões e opiniões sobre o assunto apresentado.

Durante a roda de conversa, os professores puderam discutir sobre o papel do professor de Biologia no que se diz respeito à Educação Sexual, buscando identificar de que forma os docentes vêm realizando esse trabalho, para entender seus anseios e dificuldades e poder discutir, junto deles, algumas possibilidades de encaminhamentos metodológicos que pudessem auxiliar os demais professores nesse processo.

Os professores expuseram suas opiniões sobre assuntos relacionados à Educação Sexual e sobre como costumavam abordar essa temática em suas aulas.

4.6.1.2 Encontro 2: Socialização das práticas e organização do material

Nesse encontro, buscou-se reunir as práticas exitosas dos professores, sugestões de aulas, vídeos, músicas que facilitassem a abordagem do assunto junto aos adolescentes. No encontro anterior, foi solicitado aos docentes que trouxessem sugestões de material que seriam, posteriormente, organizados e disponibilizados em forma de material didático.

Em uma roda de conversa, os professores presentes discutiram sobre cada uma das atividades, sugerindo modificações nas mesmas, para que tivessem uma melhor aplicação com os estudantes. Feitas as adaptações, todos os materiais foram organizados e definiu-se a sequência que eles viriam no livro paradidático.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, será apresentada a forma como os professores percebem as relações entre sexualidade e educação, bem como quais são suas estratégias didáticas na condução dessa

temática. Nesse sentido, além da análise e discussão dos questionários e entrevistas, apresentaremos registros do caderno de campo, contendo anotações da pesquisadora durante os encontros com os professores, informações que ajudam na compreensão dos resultados.

Ao serem questionados sobre a necessidade de os estudantes receberem Educação Sexual, todos os participantes responderam que concordam com essa premissa, pois acreditam ser importante educar os jovens para a sexualidade. Esse questionamento possibilitou ter uma ideia da percepção dos professores em relação à necessidade e importância da Educação Sexual. Os relatos abaixo exemplificam essa visão:

E1. Acho sim. Porque nossos jovens, muitas vezes, estão muito ansiosos por informações, precisávamos falar mais, ter mais tempo né? Estamos precisando dar mais ênfase em questões de gênero, trabalhar sobre o machismo, o quanto a sociedade é machista, abuso sexual e outros assuntos que são importantes, como a homofobia, entre outros temas importantes. (Entrevista)

E2. Acho que sim. Temos visto que nossos alunos recebem muitas informações, mas nem sempre essas informações são corretas, cientificamente falando. Mas acredito que nós, professores, precisamos de formação adequada, material e recursos para trabalhar essas questões. (Entrevista)

E3. Sim, acho relevante, mas não concordo que apenas os professores de Biologia devam trabalhar sobre sexualidade, esse assunto deveria perpassar todas as disciplinas. (Entrevista)

De acordo com esses relatos, é possível perceber que os professores, mesmo com dificuldades ou resistência para abordar essas temáticas relacionadas à Educação Sexual, sabem como é importante esse trabalho e reconhecem suas limitações frente a essa demanda, o que pode trazer muita ansiedade para o docente. Outro ponto importante é que essas pautas, geralmente, são pleiteadas pelos próprios estudantes que apresentam suas dúvidas, questionamentos, anseios e inquietudes. Nesse sentido, Marafon (2017) demonstra que os estudantes mostram interesse e querem debates e discussões sobre sexualidade, pois essa é uma temática relevante e faz parte de sua vida. Conforme Barbosa e Folmer (2019), há evidências de que os estudantes desejam e precisam que a escola seja um local que os acolha e os ouça, para que suas dúvidas e curiosidades sejam sanadas da melhor maneira possível, livre de mitos e tabus. Vieira et al. (2017) acrescentam que a escola deve ser para os alunos um local de escuta e acolhimento, oferecendo uma educação ampla, que observe, além dos conteúdos disciplinares, as questões socioculturais e que se adequem às necessidades dos alunos.

Quando os professores foram questionados sobre a quem atribuem a responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens, dois professores responderam que a responsabilidade seria exclusiva da escola, outros dois professores atribuíram a responsabilidade como sendo exclusiva da família e seis professores responderam que consideram responsabilidade de

ambas, família e escola. Esses dados se confirmam a seguir com os depoimentos dos entrevistados:

E1. Na minha opinião, cabe primeiramente à família desde a infância e também acho que a escola é responsável por informar os adolescentes, afinal de contas é papel da escola atuar na formação integral do indivíduo. (Entrevista)

E2. Acho que é papel tanto da família quanto da escola. Não é papel apenas dos professores, mas acredito que nosso papel de informar é muito importante, pois muitas famílias não gostam de falar desses assuntos com os filhos, acho que tem medo, vergonha. (Entrevista)

E3. Acredito que seja uma tarefa da família. Informar desde criança, a criança precisa conhecer seu corpo, assim evitaria muitos abusos. Os professores também são responsáveis por essa tarefa, informando, tirando dúvidas, explicando o funcionamento do corpo, da prevenção da gravidez e doenças transmitidas através do sexo. (Entrevista)

Pelos resultados observados, é possível inferir que os professores acreditam que a escola tem um papel fundamental na formação dos jovens por ser um local que privilegia a busca pelo conhecimento e a formação integral dos sujeitos. Fortalecendo essa ideia, Louro (2018) esclarece que a educação sexual é algo que é muito inerente à escola, sendo esta um campo de referência para essas questões. No momento em que a escola não cumpre esse papel de trazer para as salas de aula as discussões sobre adolescência e sexualidade, ela reforça a ideia de que esses assuntos não fazem parte do conhecimento humano. Ideia semelhante é defendida por Egypto (2003), em que o autor afirma que a escola é um espaço dedicado ao conhecimento e formação, ficando claro que é um local privilegiado para discutir e refletir sobre os assuntos ligados à sexualidade com crianças e adolescentes.

Entretanto, segundo Nery (2015), essa não deve ser uma tarefa exclusiva da escola, pois, para que a educação Sexual ocorra de forma efetiva, o apoio da família é fundamental. Figueiró (2016) complementa esse raciocínio afirmando que família e escola podem e devem cumprir juntas o papel de educar para a sexualidade.

Para Almeida (2009), a educação para a sexualidade é um tema muito relevante e deve ser compartilhado entre família e escola. Segundo a autora, é na família que os indivíduos vivenciam e se apropriam de crenças e mitos, uma vez que a família é o primeiro local de aprendizagem. Já a importância da abordagem da sexualidade na escola parte da premissa de que a sexualidade é uma questão social.

Com relação à questão sobre como definiam Educação Sexual, as respostas foram divididas em duas categorias de acordo com o conteúdo central, baseado no modelo de práticas de educação sexual (DUARTE, 2010). A primeira categoria foi intitulada no presente estudo como: Modelo biológico-centrado e preventivo. Nesse modelo, a temática Sexualidade é

abordada de forma simplista, enfatizando conteúdos relacionados ao corpo humano e prevenção de doenças, sem explorar questões sociais e culturais envolvidas na sexualidade humana.

P3. Educação sexual é um processo que visa o ensino sobre a anatomia, a psicologia e aspectos comportamentais relacionados à reprodução humana. Costuma ter, como principal público alvo, os adolescentes, visando à construção de uma vida sexual saudável e a prevenir problemas como a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis, abuso sexual, etc. (Questionário)

P4. É uma maneira de informar jovens e adolescentes a respeito da responsabilidade e cuidados que devem adotar a partir do momento em que decidem iniciar sua vida sexual. (Questionário)

P9. Habilidades e competências para compreender as transformações emocionais e físicas do corpo em um período da vida, formação de opiniões e esclarecimentos positivos da vida sexual. (Questionário)

Nas respostas apresentadas acima, observa-se que sete professores definiam Educação Sexual segundo o modelo biológico centrado e preventivo. Esse modelo é baseado em questões fisiológicas, aparelhos reprodutores, anatomia e em temáticas de prevenção das ISTs e da gravidez. Nesse tipo de intervenção, o foco reside em fornecer informações aos adolescentes para que sejam adotados comportamentos preventivos, de forma que os aspectos socioculturais e subjetivos relacionados à Educação Sexual sejam preteridos.

Práticas que priorizam temáticas ligadas à fisiologia, anatomia do sistema reprodutor e métodos contraceptivos são inseridas no modelo de Educação Sexual Biológico centrado e preventivo. Esse modelo possui práticas predominantemente relacionadas às dimensões fisiológicas, reprodutivas e preventivas (DUARTE, 2010).

Com base nas falas dos participantes, é possível identificar concepções preventivas que demonstram grande preocupação com a gravidez precoce bem como de infecções e AIDS. Foi possível identificar, também, grande ênfase a aspectos biológicos em detrimento dos sociais e culturais. A fala de um dos participantes dizia o seguinte:

...a gente se preocupa muito com as meninas que aparecem grávidas muito novinhas, no meu ponto de vista não estão preparadas para ser mães e ainda se arriscam a pegar doenças e com a questão da AIDS que está aumentando muito entre os adolescentes, a gente vê que precisamos fazer alguma coisa. (Registro caderno de campo)

Brancaleoni e Oliveira (2015) alertam que uma Educação Sexual focada em aspectos preventivos e biológicos pode fragilizar o processo pedagógico quando desconsidera o contexto social e cultural dos envolvidos.

Pode-se dizer que a Educação Sexual deve se pautar em três pilares: biológico, psicológico e social, ficando claro que essa é uma temática interdisciplinar complexa, que deve

ter como objetivo a relação de diálogo, a reflexão e o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos adolescentes (VILLAÇA, 2016).

Diante dessas circunstâncias, considera-se que o foco restrito às questões fisiológicas, nas diferenças anatômicas entre homens e mulheres, na reprodução, modos de evitar as ISTs e na gravidez na adolescência, termina por desconsiderar demandas de adolescentes que podem não estar relacionadas a tais questões. Esses conhecimentos são extremamente importantes, mas questões subjetivas, afetivas, como diversidades sexuais, gênero, ansiedades, curiosidades, entre outras que circundam o exercício da sexualidade também o são (BRASIL, 1997).

A segunda categoria proposta foi o Modelo Biopsicossocial. Dos dez docentes que participaram do estudo, três definiram Educação Sexual baseado nesse modelo. Esse modelo adota uma concepção mais ampla da sexualidade em que são incluídas questões sociais e culturais, além dos aspectos biológicos, como se pode ver a seguir:

P4. É uma maneira de informar jovens e adolescentes a respeito da responsabilidade e cuidados que devem adotar a partir do momento em que decidem iniciar sua vida sexual. (Questionário)

P6. Educação sexual é uma ciência que estuda o corpo e as relações entre os indivíduos, através dela podemos ter conhecimentos, quebrar tabus e assim podemos discernir o nosso comportamento sexual perante a sociedade. (Questionário)

P8. Conscientização para uma vida saudável psicologicamente para jovens e adolescentes, para que no futuro sejam pessoas equilibradas e que saibam exercer sua sexualidade com prazer e respeito ao próximo. (Questionário)

Nota-se, pelas respostas, que os professores adotam práticas que não se restringem aos aspectos fisiológicos e reprodutivos, abordando temáticas de relevância significativa para o adolescente, ou seja, uma compreensão da sexualidade de uma forma que não seja estritamente biológica, mas, sim, que inclua questões subjetivas do indivíduo.

Lionço e Diniz (2008) afirmam que práticas voltadas para autoestima, afetividade, questões de gênero e diversidade, perspectivas de futuro, além de outras especificidades da adolescência, estão intimamente ligadas ao exercício da sexualidade e à adoção de comportamentos responsivos pelos estudantes. Em conformidade com o que afirmam esses autores, Duarte (2010) diz que a finalidade da Educação Sexual não é simplesmente diminuir comportamentos de risco, como as ISTs e gravidez indesejada, mas também estimular a qualidade da vivência da intimidade, a qualidade das relações afetivas e a contextualização destas na sua raiz cultural e social.

Molina e Santos (2018) constatam em sua pesquisa que a Educação Sexual no Ensino Médio é direcionada aos professores de Biologia e se restringe a uma perspectiva biologicista. Os autores enfatizam ainda que esse tipo de prática dificulta a abordagem, uma vez que a escola

é um ambiente marcado pela diversidade, sendo necessária uma abordagem que contemple todos os aspectos da Sexualidade.

Ao serem questionados se já haviam recebido qualificação para trabalhar Educação Sexual, as respostas foram organizadas em três categorias. Na primeira categoria relacionada a esse item, foram elencadas as respostas dos professores que não tiveram formação na graduação:

P5. Não recebi, mas procuro estudar e sempre me atualizar sobre o tema. (Questionário)

P6. Nunca tive uma preparação específica. As orientações que passo são as adquiridas através de pesquisas, minha vida acadêmica e pessoal. (Questionário)

Essas declarações nos revelam que os professores que não tiveram esses conteúdos presentes nos currículos da graduação se esforçam em busca de conhecimentos acerca do tema, procurando se atualizar por meio de pesquisas. Essa procura por conhecimento pode não ser suficiente, deixando lacunas no conhecimento e deixando o professor inseguro, constrangido e desconfortável. Esses são alguns obstáculos que dificultam a abordagem de questões relacionadas à Sexualidade. Essa realidade é também apresentada por Britzman (2018), que comenta que existem inúmeras dificuldades quando o tema da aula envolve assuntos sobre Sexualidade, como, por exemplo, a ansiedade dos próprios professores, medo de não estarem suficientemente preparados para o debate e o receio de que a aula se transforme em um embate de conhecimentos entre estudantes e professor. Conforme Bonfim (2009), há uma contradição quando se fala em inserir essa temática nos currículos escolares, pois a mesma não está efetivamente inserida nos currículos dos cursos de licenciatura, resultando em professores que não recebem formação adequada para desenvolver ações de Educação Sexual.

A segunda categoria diz respeito aos relatos dos professores que afirmaram que tiveram formação na graduação (P4 e P9), como podemos ver a seguir:

P4. Durante a graduação, tive disciplina de saúde e sexualidade, o que ajudou muito entender sobre o tema em questão. (Questionário)

P9. Na graduação, tive uma disciplina sobre Sexualidade, visava capacitar o futuro professor a trabalhar assuntos relacionados à Sexualidade. (Questionário)

Com base nas respostas acima, é nítido que para muitos professores a única formação recebida ocorre na graduação e que nem sempre esses professores recebem capacitação após ingressarem nas escolas. Isso faz com que sejam necessárias mudanças no processo de formação desses profissionais, para que se sintam plenamente capazes de abordar essa temática em suas várias dimensões. Segundo Leão (2016), a formação continuada fornece subsídios teóricos e

práticos para os professores, deixando-os mais seguros para colocarem em prática discussões e desenvolverem um trabalho formal acerca dessa temática, possibilitando um novo olhar à Sexualidade.

De acordo com as respostas abaixo, pode-se perceber que a maior parte dos professores não receberam formação específica e que a busca por conhecimentos relevantes sobre o assunto depende do seu esforço, procurando recursos didáticos que favoreçam sua prática docente, como jogos, dinâmicas, entre outros, encaixando-se na terceira categoria de análise: Complementaram sua formação com cursos específicos sobre o tema (P2):

P2. Sim, fui participante do GDPEAS, grupo de educadores que reuniam com o objetivo de se qualificar e trocar experiências sobre esse conteúdo, bem como aperfeiçoar a melhor metodologia de envolver os alunos. (Questionário)

Bulzoni (2019) explica que o professor é um eterno aprendiz e necessita de formação constante para que sua prática seja consonante com a teoria e com a realidade do aluno, a fim de que haja melhoria contínua em sua prática docente. Com base no exposto, pode-se considerar que as concepções dos professores refletem-se diretamente no trabalho desenvolvido por eles em sala de aula. Mais uma vez, com os relatos dos professores, é possível perceber que a vontade de trabalhar essa temática está totalmente relacionada à formação recebida, como quando perguntados a respeito do preparo/vontade de trabalhar essa temática em sala de aula. As respostas foram divididas em três categorias como descrito no quadro abaixo (Quadro 2).

Quadro 1: Percepção dos professores quanto ao preparo e vontade de trabalhar a temática sexualidade.

Sem preparo/vontade	Com pouco preparo/vontade	Com preparo/vontade
P10- Não me sinto muito preparada, pois acredito que a capacitação que recebi na faculdade não foi suficiente, sendo assim não gosto de trabalhar essa temática.	P1-Sim. Mas preciso de qualificação e preparação, para enfrentar a cultura fundamentalista da sociedade. P6-Às vezes, pois depende do nível de conhecimento e maturidade da turma.	P3-Me sinto preparada, apesar de não ter realizado um curso específico na área. Mas a formação complementar com leitura de artigos, vídeos e materiais pedagógicos sobre o tema, ajudam muito. P4-Procuo me preparar sempre mais, trabalho com segurança e procuro passar sempre confiança aos alunos. Busco sempre fontes confiáveis para que as informações transmitidas sejam sempre seguras e possam contribuir para a vida sexual dos jovens e adolescentes que ali estão.

Fonte: autora

Situação semelhante pode ser observada na opinião dos professores entrevistados:

- E1. Me sinto à vontade pois gosto de trabalhar com adolescentes, mas sinto que preciso de qualificação. (Entrevista)
- E2. Me sinto à vontade dependendo da turma, quando a turma é mais madura me sinto mais à vontade. (Entrevista)
- E3. Não me sinto muito à vontade devido à minha falta de formação. (Entrevista)

Rodrigues e Salles (2011) apresentam em seu estudo que, quando o professor sente a necessidade ou se mostra interessado pelo tema, ele busca se aperfeiçoar, propondo-se a discutir o tema com seus alunos, ou seja, a formação dos professores permanece no campo da opção pessoal. Por outro lado, Figueiró (2014) aponta que a discussão de assuntos voltados para a Educação Sexual não deve passar apenas pela vontade, mas principalmente pela necessidade e urgência do debate pelos professores. A autora reforça, ainda, que o docente deve refletir acerca da sua formação, suas convicções a respeito da sua formação inicial e qual seu papel como educador, para, assim, buscar uma formação que seja capaz de suprir as necessidades dos educandos.

Nos relatos dos docentes, pode-se perceber que a abordagem dessa temática ainda se apresenta como um desafio para esses profissionais. Alguns participantes apontaram que tanto a escola quanto os professores não estão preparados para debater questões relacionadas à sexualidade e que, devido a essa falta de preparo, evitam se aprofundar nesse assunto. A maioria dos professores afirmam a importância do debate dessa temática em sala de aula, no entanto sentem falta de programas da Secretaria de Educação e que as práticas, quando acontecem, são isoladas e infrequentes (Registros caderno de campo).

Para Farias (2015), é fundamental a efetivação de programas destinados à formação continuada dos professores, objetivando a reflexão e a discussão sobre a heterogeneidade familiar e questões relacionadas a gênero, diversidade e sexualidade, com o propósito de prepará-los para enfrentar esses desafios no ambiente escolar.

Em estudo mais recente, Queiroz e Almeida (2017) corroboram com o exposto acima ao salientarem que há a necessidade de formar professores, capacitando-os, aprimorando seu conhecimento para que tenham capacidade de estabelecer e manter uma relação de confiança com o adolescente, a fim de atingir os objetivos da educação para a sexualidade, que é levar os jovens a refletirem e a aplicarem o conhecimento para a formação integral do sujeito. Bueno e Franzolin (2017), em estudo recente desenvolvido com docentes de Ciências, admitem que quanto mais acessíveis forem os materiais e recursos didáticos, mais os professores podem se

beneficiar e, conseqüentemente, suas aulas serão melhoradas. Apontam, ainda, que o uso desses recursos vem ganhando notoriedade como material de apoio no planejamento de suas aulas.

Observa-se, portanto, que o educador necessita de formação e de materiais didáticos que contribuam com sua prática. Sendo assim, o produto educacional proposto neste trabalho pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Silva (2018), os livros paradidáticos podem ser utilizados como aliados ao processo educativo, auxiliando professores e estudantes durante as aulas.

Quando questionados sobre a contribuição da temática sexualidade para a saúde e responsabilidade sexual dos jovens, os professores participantes responderam afirmativamente, opinando que esse conteúdo é fundamental para a conscientização dos jovens em formação.

P2. Sim. Com certeza, a escola em parceria com a família propiciam o melhor ambiente para o diálogo simples, sincero e necessário para tirar as dúvidas e orientá-los para que vivam plenamente a sua sexualidade com muita responsabilidade. (Questionário)

P3. Sim. Acredito que a educação sexual auxilie para formação de jovens, tornando-os mais conscientes das suas ações e atitudes. (Questionário)

P6. Sim, pois o conhecimento ajuda-os a se livrarem dos mitos e crenças, e também eles aprendem a se cuidar e prevenir de doenças, tendo, assim, uma vida sexual mais saudável. (Questionário)

P8. Sim. As mudanças de comportamento estão relacionadas aos ensinamentos, primeiramente, na família e depois com extensão da escola. Jovens preparados psicologicamente constroem uma sociedade diferente. (Questionário)

Baseado nos resultados referentes a essa pergunta, pode-se concluir que educar os estudantes para a sexualidade é muito importante, pois eles se sentem preparados para uma vida sexual segura, promovendo o conhecimento do corpo, respeito consigo e com os outros, adotando práticas responsivas, longe de mitos e tabus.

Segundo Baptista, Baptista e Dias (2001), nessa fase em que os adolescentes estão se desenvolvendo, as experiências e vínculos que se estabelecem em contextos sociais e grupos de referência, tais como a família e a escola, mostram-se imensamente importantes, pois oferecem possibilidades para que os sujeitos se aprimorem intelectualmente, bem como desenvolvam habilidades de interação social a partir da relação com o outro e da percepção sobre si mesmo. Os mesmos autores esclarecem que outra potencialidade do período da adolescência relaciona-se ao amadurecimento e ao reconhecimento que os sujeitos desenvolvem sobre a possibilidade de identificar diferentes alternativas e escolhas para a solução de problemas (BAPTISTA; BAPTISTA; DIAS, 2001)

Os professores ressaltaram a importância da educação sexual para os jovens em sala de aula, destacando questões no que se refere à saúde e à informação preventiva. Com isso, os

docentes foram questionados se costumam abordar essa temática em sala e quais metodologias são empregadas. As respostas se mostram bem diversificadas, o que impossibilita a divisão em categorias. Vários recursos e diferentes metodologias de ensino foram empregadas, conforme se observa abaixo:

P3. Costumo abordar esse tema através de aula dialogada, rodas de conversa e palestras. (Questionário)

P5. Geralmente faço uso de data show, banners e muita conversa com os alunos. (Questionário)

P6. Sim. Temas como, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis. Uso de dados, estatísticos, debates, slides entre outros. (Questionário)

P7. Sim, sempre tento abordar em conjunto aos temas sobre reprodução humana, sobre as IST'S, entre outros. (Questionário)

P9. Sim. Geralmente esse tema é abordado durante as aulas de anatomia do sistema reprodutor, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e em parceria com professores de filosofia, arte e apoio de psicólogos. As metodologias são voltadas para dinâmicas de grupos, palestras e debates. (Questionário)

Com a análise das entrevistas, verificou-se que situação semelhante foi encontrada, conforme exposto a seguir:

E1. Sim, costumo fazer debates, roda de conversa, dinâmicas. (Entrevista)

E2. Sim, por meio de debates, dinâmicas, palestras. (Entrevista)

No que se refere aos recursos e metodologias aplicadas pelos professores, vê-se uma grande diversificação de recursos e materiais empregados com diferentes metodologias em sala de aula. O uso de recursos didáticos e diferentes estratégias é fundamental para essa temática, a fim de despertar o interesse dos alunos e proporcionar um ensino de qualidade que seja capaz de conscientizá-los. Além disso, faz-se necessário que as intervenções levem os alunos à reflexão de assuntos considerados polêmicos e que o professor considere a vivência dos alunos, as experiências individuais, busque a participação ativa do sujeito, visando vincular os conhecimentos adquiridos na escola, subsidiando a formação de jovens críticos, sujeitos de sua própria sexualidade.

Assim também apontam Lima e Almeida (2010) quando afirmam que cabe ao educador escolher e avaliar qual a melhor didática sobre Sexualidade a ser abordada em suas aulas. Diálogo, seminário, pesquisas, debates, mesas redondas, palestras e abordagens lúdico-culturais são exemplos de abordagens que estimulam os alunos no entendimento de dificuldades sexuais presentes na adolescência.

Souza et al. (2015) enunciam que:

A abordagem da sexualidade pode englobar diversas modalidades didáticas, além da aula expositiva dialogada, tais como dinâmicas de grupos e jogos educativos, dramatizações, vídeos, músicas, cartazes, textos, estudos de caso, debates, desenhos

e, sobretudo os/as alunos/as precisam ter um espaço para tirarem suas principais dúvidas. (SOUZA et al., 2015 p. 56)

Nesse sentido, Zerbinati e Bruns (2017) ressaltam que não se deve impor aos professores metodologias ou temas a serem abordados e sim oferecer instrumentos teóricos, metodológicos e subjetivos para que eles sejam capazes de enfrentar a realidade específica de cada escola. Sem o apoio adequado, o que se observa na prática é uma abordagem impessoal, exclusivamente informativa, desconectada, acrescida de uma dificuldade por parte dos docentes para separar suas crenças pessoais dos conhecimentos científicos (ZERBINATI; BRUNS, 2017)

Nosso produto educacional busca ser uma alternativa a mais para o professor, um recurso didático que visa ser um facilitador no ensino de Sexualidade. Lima et al. (2017) demonstram que, ao construir um material didático que se adeque ao conteúdo estudado, consegue-se alcançar o público ao qual ele se destina, minimizando algumas dificuldades.

Em seguida, os participantes foram questionados sobre o apoio que recebem, por parte da escola, dos pais e de colegas de trabalho. Alguns responderam que esse apoio é limitado ou inexistente, por vezes se restringindo simplesmente a não interferência nos temas abordados, como é o caso dos professores a seguir:

P1. Pouco. (Questionário)

P3. A escola não interfere diretamente, mas sempre solicita que tenha muito cuidado com a abordagem do tema. (Questionário)

P9. A escola não oferece muito apoio, tenho receio de trabalhar essa temática e não ser bem visto pela direção. (Questionário)

Analisando os relatos acima, observa-se que nem sempre os professores sentem-se apoiados no ambiente escolar, sendo a direção da escola ou a equipe pedagógica uma barreira que dificulta a concretização da Educação Sexual. É imprescindível que a direção e toda a equipe apoiem o educador nesse trabalho, a fim de favorecer uma educação livre de tabus e preconceitos. É responsabilidade da escola garantir os direitos do aluno, como o acesso à informação e à saúde, elementos necessários à formação de adolescentes responsáveis e conscientes da sua capacidade (BANDEIRA, 2016).

Já alguns professores mostraram que havia certo apoio da escola e de colegas, mas faltava colaboração por parte dos pais.

P4. Por parte da escola e dos colegas, todo apoio necessário para que o projeto desenvolva da melhor maneira possível. Quanto aos pais, a frequência é muito baixa. (Questionário)

P7. Apenas incentivos morais por parte da escola e apoio pedagógico por parte dos colegas. Geralmente, sem participação da família. (Questionário)

Conforme os depoimentos acima, pode-se concluir que a família nem sempre apoia o trabalho do professor e, muitas vezes, exime-se da responsabilidade de educar, dificultando ainda mais o trabalho do professor. Há também, por parte dos pais, a impressão de que, ao educar sexualmente os jovens, ocorreria estímulo à prática sexual precoce. Porém, o que se percebe é o contrário. A Educação Sexual não estimula os adolescentes a iniciarem a vida sexual, mas sim adotar comportamentos responsáveis (GONÇALVES et al., 2013). Ramiro e Matos (2008) sugerem que o apoio familiar em relação à sexualidade, bom relacionamento e a percepção de supervisão parental influenciam no adiamento da primeira experiência sexual dos filhos e na redução de gravidez não planejada.

Por último, boa parte dos professores mostraram respostas positivas no que se refere ao apoio mútuo da escola, pais e colegas.

P2. A escola que trabalho é muito parceira e me fornece todo o material de apoio que necessito, tais como: multimídia, espaço físico, material pedagógico e autonomia para a execução do projeto. Meus colegas respondem à altura sempre que solicitados. Quanto aos pais, há uma parceria em casa com seus filhos, auxiliando-os nas tarefas extraclasse. Já montamos sala ambiente sobre o tema e atualmente utilizamos as salas de aula, multimídia e as tendas pedagógicas. (Questionário)

P8. Parceria da escola e família. Sempre tem a participação dos pais e colegas nas atividades do projeto desenvolvido, como palestras, entrevistas, fotos e registros. (Questionário)

Baseado nos relatos acima, é possível inferir que uma maior aproximação entre família e escola faz muita diferença na efetivação de estratégias no ensino de temáticas relacionadas à Sexualidade. Por outro lado, é notório que educar sexualmente os adolescentes não é tarefa fácil e requer uma ação conjunta entre família e professores. Nesse contexto, Caldeira e Lopes (2017) mencionam que a Educação Sexual é um processo de interações constantes entre família e escola e tem como objetivo formar e informar os adolescentes, garantindo-lhes a capacidade de escolha e atitudes responsivas. Segundo Araújo (2015), os pais, em sua maioria, são a favor da Educação Sexual na escola, visto que o ambiente escolar é visto como parceiro na educação sexual dos seus filhos, não apenas com o enfoque biológico, mas também no contexto social.

Esse tema ainda é um tabu para a sociedade brasileira e, por isso, a falta de apoio por parte da família e da escola é um grande obstáculo para sua aplicação completa em sala de aula. Algumas falas denotam que a falta de apoio da família é um obstáculo na realização do trabalho com os estudantes, o que dificulta e desestimula o professor a desenvolver atividades ligadas à sexualidade. Os relatos a seguir exemplificam essa visão:

E2. Tenho várias dificuldades, mas a maior dificuldade acredito ser a falta de apoio dos pais. Muitas vezes, percebo que tem assuntos que precisavam ser mais

aprofundados, mas evito me aprofundar com medo da repercussão negativa.
(Entrevista)

E3. A maior dificuldade que encontrei nesses anos todos é a falta de apoio da escola e da família. (Entrevista)

Essa ideia é confirmada na literatura, conforme descrito por Holanda et al. (2010), que consideram que a falta de apoio dos pais e da escola, além da falta de formação e insegurança por parte dos docentes para abordar a temática, são obstáculos para a efetivação de estratégias que possibilitem a formação de uma sexualidade saudável e responsável dos adolescentes.

Em estudo mais recente, Soares e Monteiro (2019) argumentam que a falta de apoio dos gestores e de outros professores acaba por gerar uma sensação de isolamento e intimidação, o que pode interferir no diálogo aberto sobre o tema.

Ao serem questionados se sabem de colegas que abordam essa temática em sala de aula, as respostas se dividem em “sim” e “não”, com certas ressalvas. Quatro desses professores relacionam a temática às aulas de biologia e/ou ciências; apenas um dos professores cita disciplinas como filosofia e sociologia; um professor afirma não saber se outros colegas abordam o tema, indicando que os trabalhos relacionados a esse tema ficam sempre a cargo dos professores de biologia na escola em que trabalha.

Os dados confirmam o que foi apontado por Santiago et al. (2018), que, embora não sejam os únicos, os professores de Ciências e Biologia são os principais responsáveis por desenvolver um trabalho de Educação Sexual nas escolas, o que faz com que a abordagem seja marcada por um viés biológico, apenas.

Para Altmann,

os/as professores/as de Ciências acabam sendo os principais responsáveis pelo desenvolvimento de um trabalho de educação sexual nas escolas – apesar de não serem necessariamente os/as únicos/as. Isto também não quer dizer que esses/as professores/as trabalhem exclusivamente sob uma perspectiva biológica. Ocorre, porém, que o tema da sexualidade aparece de forma concreta na escola inserido no campo biológico e isso imprime, de uma forma ou de outra, marcas no trabalho ali desenvolvido (ALTMANN, 2007, p.8).

Com isso, percebe-se que o centro da temática da Educação Sexual está na disciplina de Biologia, sendo pouco abordado em outras disciplinas. Nesse ponto, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade para tratar desse tema, podendo ocorrer projetos integrados entre professores de diversas disciplinas para a produção de um conteúdo de qualidade para os alunos.

Faval (2016) propõe que a Educação Sexual não deve ser vinculada a uma disciplina específica, mas inserida a todos os conteúdos disciplinares, o que levaria os professores de todas as disciplinas a se preparem para o trabalho com os educandos, superando o ensino fragmentado

e abrangendo a abordagem para várias dimensões que não apenas a biológica, pois Sexualidade é um tema complexo que envolve várias dimensões e não deve se limitar a discursos formais com foco apenas na reprodução humana (SILVA, 2016).

A seguir, eles foram questionados sobre quais os tópicos consideram ser mais importantes na abordagem da Educação Sexual. As respostas foram bem variadas e organizadas em duas categorias: abordagem biologicista e abordagem emancipatória.

Na abordagem biologicista, o foco é dado aos conteúdos inseridos na disciplina de biologia, como questões relacionadas ao corpo humano, enfatizando o sistema reprodutor masculino e feminino, prevenção de ISTs e gravidez na adolescência, desconsiderando aspectos sociais e históricos que envolvem essa temática.

P1. Doença, proteção, controle social, natalidade... Sociedade em geral em torno do sexo. (Questionário)

P4. Acredito que os alunos precisam conhecer mais sobre o próprio corpo, devemos falar sobre os sistemas reprodutores masculino e feminino. As infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos também devem ser abordados. (Questionário)

P9. Mudanças físicas e hormonais do corpo na adolescência; DST's e Métodos contraceptivos. (Questionário)

Ao analisar as atividades sugeridas pelos professores, pode-se perceber uma abordagem predominantemente biológica, com foco na prevenção de ISTs e gravidez precoce e poucas atividades relacionadas aos aspectos mais subjetivos da Sexualidade, o que é justificado pelo fato de todos os professores serem da área de Ciências e Biologia e, segundo relatos destes, não terem qualificação e recursos para se aprofundarem em assuntos mais complexos sobre essa temática. (Registros caderno de campo).

A abordagem emancipatória compromete-se com mudanças no âmbito social dos envolvidos. Para que ela ocorra, é necessário se livrar de preconceitos, culpas e opressão, levando o adolescente a desenvolver sua autonomia em relação ao seu comportamento sexual, suprimindo o autoritarismo, acabando com preconceitos sexuais e com a violência sexual (BRITOS; SANTOS; GAGLIOTO, 2013).

P3. Educação sexual deve abordar aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Preparando crianças e jovens com o conhecimento, habilidades, atitudes e valores para que vivenciem sua saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e dos outros; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida. (Questionário)

P5. Gravidez na adolescência, IST's, preconceito, homofobia. (Questionário)

P8. Respeito ao próximo, preconceito, caráter, bullying. (Questionário)

Observando essas respostas, conclui-se que as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce são algumas das principais preocupações dos professores no que tange à temática sexual, além da questão de mudanças e transformações corporais na adolescência, o que envolve as alterações hormonais. Porém, não foi mencionado a importância do tema e a necessidade de aprofundamento no que se refere ao assédio sexual, principalmente às crianças jovens que ainda não percebem as transformações hormonais e ainda não entendem o que não pode ser tocado por outras pessoas. Esse é um assunto de extrema importância, mesmo porque, em boa parte das famílias, ele não é tratado de maneira aberta, além da problemática de famílias que cometem o abuso sexual. Dessa forma, a realização da Educação Sexual abrirá uma válvula de escape para a criança se pronunciar e, se caso for vítima desse problema, denunciar para que os devidos procedimentos jurídicos sejam realizados.

Ao serem abordados sobre alguns obstáculos e tabus que impedem ou dificultam a implementação da Educação Sexual nas escolas, as respostas se concentram na relutância de pais e da escola sobre o tema, por vezes lançado como polêmico ou evasivo para a juventude. Alguns falaram sobre essa dificuldade na família e na sociedade que vê o tema como um tabu:

P1. Preconceitos da sociedade, família e religião. (Questionário)

P3. Os principais problemas encontrados são mitos enraizados nas desde cedo. O desconhecimento do próprio corpo e informações desencontradas. Os próprios pais (uma grande parte) não dão a importância devida ao tema, causando muitas vezes empecilhos para a implantação de um projeto de Educação Sexual eficiente, o que gera conflito com a própria escola que prefere não aprofundar no assunto para não causar esse descontentamento. (Questionário)

P8. Falta de apoio familiar e participação da sociedade. (Questionário)

Mediante esse contexto, é possível perceber que, mesmo sendo um tema fundamental para crianças e jovens em formação, um tema que não gira em torno do ato sexual em si, mas de todo um processo de conhecimento corporal e entendimento de diversos fatores que envolvam a sexualidade, a sociedade, no geral, mantém uma mente muito fechada com a aplicação desse conteúdo em sala, especialmente no que se refere à família e à religião. Como se não bastasse, ainda há a falta de instrução dentro do ambiente familiar sobre o tema, assim, a criança cresce sem a compreensão sexual necessária para sua vida.

Outros falaram em falta de capacitação sobre o tema e também sobre a falta de recursos para tratar do mesmo:

P6. Falta de capacitação e falta de material didático. (Questionário)

P7. Recursos para trabalhar. (Questionário)

Baseado nos relatos acima, percebe-se que um problema que afeta a aplicação desse conteúdo em sala de aula é a falta de formação inicial e continuada do professor. Isso gera insegurança ao abordar essas temáticas, pois o tema está em constante transformação e se trata de um conteúdo que deve ser discutido minuciosamente. Sendo assim, é um tema difícil de ser abordado mesmo para quem se interessa pelo assunto.

Nessa direção, Bandeira (2016) afirma que há diversos obstáculos que dificultam ou impedem a abordagem da Educação Sexual pelos educadores, entre as principais dificuldades estão a falta de formação específica na área, falta de tempo, uma vez que boa parte leciona em mais de uma escola, além da carência de materiais didáticos e outros recursos. A mesma autora destaca que devido a essa série de problemas o trabalho do professor acaba acontecendo de modo superficial.

Ao observar as principais dificuldades dos professores, ficou evidente que o livro didático não oferece o suporte necessário para o professor trabalhar Educação Sexual, pois os conteúdos são pouco contextualizados, com temáticas voltadas para o tema em questão, priorizando conteúdos com viés biológicos e fisiológicos, apenas. É com o objetivo de preencher essa lacuna que este trabalho apresentará um recurso didático que visa ser uma alternativa para o professor, oferecendo suporte no ensino de Sexualidade.

A proposta inicial do livro paradidático (LPD) sobre educação sexual discutida com os professores por ocasião dos encontros foi focada em atividades que os auxiliassem no desenvolvimento de temas relevantes para os adolescentes. Essas atividades pretendem abordar conceitos ausentes no livro didático adotado, como autoestima, respeito ao outro e a si mesmo, diversidade, gênero, entre outros, buscando despertar o pensamento crítico e a participação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem sobre o tema. No entanto, apesar de concordarem com uma abordagem mais emancipatória, os professores ainda sugerem atividades mais voltadas à esfera biológica.

5.1 ESTRUTURA DO LIVRO PARADIDÁTICO

O livro paradidático (LPD) (APÊNDICE D), confeccionado mediante as sugestões dos professores participantes da pesquisa, apresenta propostas de atividades práticas e reflexivas sobre questões relativas à Educação Sexual e objetiva ser uma alternativa para os educadores abordarem conteúdos diversos de forma assertiva, com vistas a atender as necessidades dos

adolescentes. Todas as atividades presentes no material visam promover a participação do estudante na construção do aprendizado e já foram executadas pelos professores com suas turmas de Ensino Médio.

Foi solicitado a cada professor participante da pesquisa que contribuísse com pelo menos uma atividade/metodologia considerada exitosa já utilizada em suas aulas na abordagem de temáticas voltadas para a Educação. As atividades foram reunidas e, após a organização, foi definida a sequência em que elas apareceriam no material didático.

O principal objetivo apontado na atividade 1 é o debate sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, desde as causas até as formas de prevenção e sua importância. Para tal debate, é proposta uma atividade em que alunos e professores devem refletir sobre o contato sexual e as medidas de proteção. A dinâmica irá discorrer sobre os riscos do sexo sem camisinha e doenças sexualmente transmissíveis.

A atividade 2, “Adolescência”, visa fortalecer a autoestima e a autonomia, dada a importância do corpo na identidade pessoal, compreendendo as transformações físicas no decorrer da adolescência.

Na atividade 3, “Mito ou Realidade”, é proposta uma reflexão sobre os mitos envolvendo a anatomia, fisiologia anticoncepção e infecções sexualmente transmissíveis. Essa dinâmica irá ajudá-los a distinguir o que é verdade o que é mito sobre Sexualidade. É sugerido aos professores que promova o debate sobre mitos e superstições recorrentes quando se aborda o tema. O professor pode aproveitar para apresentar informações adicionais e comentar os pontos debatidos.

Na atividade seguinte, “Paternidade/Maternidade: Agora ou depois? ”, o professor deve refletir com os alunos sobre qual o impacto de um bebê na vida deles agora e no futuro. Deve-se debater sobre questões socioculturais e os impactos de uma gravidez precoce. A atividade propõe um debate entre os jovens, visando a reflexão sobre mudanças que podem ocorrer diante de diferentes contextos socioculturais, como educação, carreira, vida social, finanças e estudos.

A proposta de atividade 5, “Contatos Pessoais”, tem como objetivo facilitar a compreensão sobre a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. Busca-se debater as possibilidades de contaminação, cadeia de transmissão e meios para o sexo seguro.

A atividade 6, denominada “Beleza e idealização”, busca encorajar adolescentes a aceitarem o seu próprio corpo e debaterem o fato de que ideais de beleza também são estabelecidos pela cultura. Nessa atividade, é possível levantar um debate acerca de temas

relevantes para os adolescentes, tais como aceitação da aparência, ideal de beleza, mudanças que sentem em seus corpos, opinião alheia e como são criados os ideais de beleza.

Semelhantemente, a atividade 7, “Espelho”, tem como objetivo auxiliar os adolescentes a compreenderem o seu próprio corpo e imagem. Além disso, essa prática propicia a discussão sobre a imposição de um padrão de beleza muitas vezes inalcançável e que traz muito sofrimento e cobrança para aqueles que não se sentem adequados a esse padrão.

A proposta da atividade 8, “Porque tanta diferença?”, é discutir sobre como os participantes enxergam os papéis sexuais entre homens e mulheres na sociedade. Visa debater e dialogar sobre relações de gênero, buscando desconstruir preconceitos e contribuir para a estruturação de novos paradigmas pautados em princípios de justiça e igualdade.

A atividade 09 é uma adaptação da dinâmica “O corpo tem alguém como recheio”, do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), e teve como objetivo discutir e explorar o conceito de corpo, superando a ideia de organismo meramente biológico, levando em consideração as dimensões afetivas e sociais das relações humanas. Para a realização da atividade, os participantes são divididos em grupos e devem desenhar um corpo e atribuir a ele um sexo biológico, uma identidade de gênero, orientação sexual e registrar possíveis expressões de sentimento no desenho, objetivando, além da elaboração de um corpo anatômico, a identificação da percepção dos estudantes acerca de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

A atividade 10, intitulada “Diversidades Sexuais”, tem como finalidade estimular a sensibilidade dos adolescentes ao se colocarem no lugar do outro, assim como perceberem quais os comportamentos e julgamentos são estabelecidos pela sociedade a partir da identificação dos sujeitos e das suas expressões da sexualidade.

Por fim, o livro traz uma seção com sugestões de vídeos e filmes que poderão ser utilizados pelos professores em suas aulas.

A proposta de vídeo “Eu não quero voltar sozinho”, que retrata um adolescente com deficiência visual vivendo a descoberta do amor por seu amigo, destaca a importância do respeito a todos os indivíduos com comportamentos sexuais diferentes daqueles seguidos pela maioria da sociedade.

A segunda proposta é o filme “Só um minuto: Sexo sem Camisinha” busca promover uma crítica a atitudes inconsequentes, como o fato de muitos temerem mais a gravidez

indesejada do que uma IST. Ao final do filme, o professor poderá propor um debate livre em que os adolescentes terão oportunidade de expor suas dúvidas e curiosidades sobre o assunto.

Outra proposta é o filme “Acorda, Raimundo... Acorda!”. O curta-metragem aborda uma inversão de papéis entre homens e mulheres, através da relação entre Marta e Raimundo, reproduzindo o machismo comum entre as famílias. O filme traz uma reflexão importante sobre as questões de gênero, violência e equidade entre mulheres e homens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA E PERSPECTIVAS

A presente investigação foi motivada pela necessidade da pesquisadora em compreender como a Educação Sexual é desenvolvida na prática dos professores de Biologia e buscar possibilidades para a abordagem dessa temática.

A pesquisa mostrou que, embora o tema educação sexual ainda seja envolto por tabus, mitos e preconceitos no contexto escolar, os professores sabem da importância e necessidade de abordar essa temática em sala de aula e esse trabalho quase sempre é motivado pelas dúvidas e curiosidades dos estudantes que se mostram muito interessados no assunto, afinal eles estão passando por uma fase marcada por mudanças e transformações tanto físicas quanto psicológicas. O interesse do estudante é considerado um facilitador, favorecendo o envolvimento e participação dos jovens na concepção do conhecimento para uma sexualidade livre de preconceitos e tabus.

No entanto, constatou-se que os professores participantes da investigação enfrentam desafios que dificultam a efetivação da educação sexual na escola, um deles é o receio da censura dos pais. É preponderante que a inclusão da família nas atividades e o entendimento da importância do tema pode diminuir essa resistência.

Além disso, os educadores não se sentem aptos para realizar o trabalho de educar sexualmente seus alunos, necessitando de formação continuada e recursos didáticos que subsidiem a prática docente, condições fundamentais para enfrentar os desafios descritos durante a pesquisa, pois os professores se sentirão mais seguros para desenvolverem a educação sexual na sala de aula.

Conforme o que foi exposto, constata-se que, mesmo com muitos preconceitos e tabus relacionados à sexualidade, é possível abordar a Educação Sexual no âmbito escolar, com

atividades que favoreçam o ensino da temática, como, por exemplo, uso de recursos didáticos, como dinâmicas, jogos, entre outros.

Pode-se perceber, ainda, que prevalece uma perspectiva biológica da Sexualidade com abordagens voltadas para a fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino e prevenção de ISTs. A transversalidade proposta nos documentos oficiais não se concretizou, uma vez que o assunto tende a ser abordado quase que exclusivamente na disciplina de Biologia.

Levando em consideração a relevância do assunto Sexualidade e as carências encontradas nesta pesquisa juntamente com as reflexões e discussões realizadas nos encontros com os professores, foi possível desenvolver um Livro paradidático contendo práticas exitosas dos participantes, buscando auxiliar o trabalho do professor em sua prática com mais segurança e confiança.

Espera-se que esse trabalho contribua para fortalecer a reflexão em torno de obstáculos que dificultam a abordagem da Educação Sexual no âmbito escolar, além de contribuir para os estudos acerca do tema.

7 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. C. H., CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.
- ANDRADE, S.S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: Meyer, Dagmar Estermann & Soares Rosângela de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- ALTMANN, H. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Estudos Feministas, ano 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- ALTMANN, H. **Sobre a educação sexual como um problema escolar**. Linha, v. 7, n.1, 2007.
- AQUINO, J.G. (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- ARAÚJO, A. V. S. **O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa**. 2015. 43 fl. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – Paraíba – Brasil, 2015.
- BANDEIRA J, Perception of educators on sexual guidance at school: a floor they nevertreaded. **J Nurs UFPE on line**, 2016 Mar; 10(3):1102-8.
- BAPTISTA, M.N, BAPTISTA, A.S.D, DIAS, R.R. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescente. **Psicologia Ciência e Profissão** 2001; 21: 52-61.
- BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. (2019). Facilidades e Dificuldades da Educação Sexual na escola: Percepções de professores da Educação Básica. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, 9(19), 221-243.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K **Qualitative research for education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982
- BONFIM, C.R.S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 2009. 272f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação: Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- BRANCALEONI, A.; P.; L.; OLIVEIRA, R. R. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero, e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, n. esp. n.2, v.10, p.1445-1461, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRASIL, MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Temas transversais. Brasília, 1998

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas da Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Pesquisa sobre comportamento sexual e percepções da população brasileira sobre HIV/AIDS**. Brasília: Coordenação Nacional de DST e AIDS; 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS. **Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas - Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BUENO, K. C.; FRANZOLIN, F. **A utilização de recursos didáticos nas aulas de Ciências Naturais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (XI ENPEC), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017, p. 1-10.

BRITTOS, E.S.; SANTOS, A.B.; GAGLIOTTO, G.M. **A Importância da Educação Sexual na Formação de Professores: O Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer e a Intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar**. In: III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013. Maringá. Anais. Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013. Disponível em <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-08.pdf> Acesso em: 22 mai. 2020.

BRITZMAN, D. Curiosidades, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. Ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 105-142

BULZONI, A.M.M.C; LEÃO, A.M.D.C; MUZZETI, L. R. Gestores escolares: formação continuada em sexualidade uma vivência contemporânea. **Revista internacional de formação de professores**, v. 3, n. 4, p. 5-16, out./dez. (2018). Disponível em: Periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/viewFile/1312/1015, 2019. Acesso em 25 abr. 2020.

CALDEIRA, E.; LOPES, M. J. Educação sexual na escola contextos para a mudança. **Revista Ibero – Americana de saúde e envelhecimento** v .3, n.3, p.1147 – 1164, 2017.

CARVALHO, M. E.P.; ANDRADE, F. C. B.; MENEZES, C. S. (orgs.). **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2009.

DAHER, J. **Base nacional aprovada, como fica a questão de gênero na escola? De Olho nos Planos**. 2018. Disponível em: <http://www.deolhonosplanos.org.br/bncc-aprovada-genero-orientacao-sexual/>.

DUARTE, P. M. S. **Educação da sexualidade: modelos e representações de professores**. 2010. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010.

EGYPTO, A. C. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

FARIAS, M. O. Famílias homoparentais e escola: reflexões e possibilidades. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. esp, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8332/5640>. Acesso em: 26/05/2020.

FAVAL, G.C. **Educação Sexual: Prática interdisciplinar, crítica, filosófica e freireana**. 2016. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/educacao-sexual-pratica-interdisciplinar-critica-filosofica-e-freireana/147949>

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. 2. ed.rev. atual. e ampl. Campinas: Mercado de letras – Eduel, 2014. 400p.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: DESIDÉRIO, Ricardo (org.). **Sexualidade, educação e mídias: novos olhares, novas práticas**, p.97-110, 2016.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV 2018c. p. 243-258.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GUERRA, M. G. G. V.; CUSATI, I. C.; COSTA, K. F. **Por um currículo plural na perspectiva do multiculturalismo**. *Dialogia*, São Paulo, n. 30, p. 157-168, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n30.8798>. Acesso em: 25/05/2020

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p.251-253, 2013.

HOLANDA, M.L., FROTA, M.A., MACHADO, M.F., VIEIRA, N.F. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enferm**. 2010;15(4):702-8.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

LEÃO, A.M. de C. **Concepção dos Profissionais da Educação e Pais sobre sexualidade e Educação sexual: elaboração, aplicação e avaliação decursos interventivos voltados para pais professores e alunos**. Relatório de pesquisa apresentado à Fapesp. Pesquisa regular Processo n.2016 22432- 0/2013, 2016.

LIMA, E.; ALMEIDA, G. B. **Educação Sexual e práticas pedagógicas**. 2010. IV Colóquio de História – Abordagens sobre História da Sexualidade de 16 a 19 de novembro de 2010, UNICAP.

LIMA, A. C. M. A. C. C. Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV. **Acta paul. enferm.** [online]. 2017, vol.30, n.2, pp.181-189. ISSN 1982-0194

LIMA DE O., E.; M. R., J.; PERES G., J. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, v. 26, n. 1, p. 303-314, 21 dez. 2018.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. **Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual**. Psicologia Política, São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia Política, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2008.

LOURO, G., L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 Ed. Belo Horizonte, 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARAFON, G. Recusa à judicialização e ao Projeto Escola sem Partido. Análises a partir das ocupações estudantis. **In: Sisyphus: Journal of Education**, v.5, n.1. Lisboa, 2017, p. 9-30

MARTINS, C.B.G; FERREIRA L.O.; SANTOS, P.R.M; SOBRINHO, M.W.L; WEISS M.C.V.;SOUZA,P.S.S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do Ensino Médio. **REME - Rev Min Enferm.** 2011;15(4):573-8

MELO, E. A. de A. **Livros paradidáticos de língua portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar**. 2004. Dissertação (Mestrado) –Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

MENDONÇA, J. F.; TOMAZELLO, M. G. C. As imagens de ecossistemas em livros didáticos de ciências e suas implicações para a educação ambiental. **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 9, p. 1517- 1556, 2002.

MIRANDA, J. C.; SILVA, P. M. T.; MOREIRA, O. F.; SANTOS, B. S. **Educação sexual: de onde vem a sua?** III EREBIO – Encontro Regional de Ensino de Biologia, p. 1-11, 2015. MOLINA, A. M. R.; SANTOS, W. B. Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara,

v. 13, n. 03, p. 1149-1163, jul./set., 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v13.n3.2018.9530

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva: processo constitutivo de múltiplas faces.** Ciência & Educação, São Paulo, v.12, n.1, p. 118, abr. 2006.

NERY J.A.C., SOUSA M.D.G., OLIVEIRA E.F., QUARESMA M.V. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. **Resid Pediatr.** 2015;5(3 Supl.1):64-78

NOGUEIRA, N., S.; ZOCCA, A., R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**, v. 3, n.32, p.319-327,2016.

NOTHAFT,S.C; ZANATTA,E.A.;BRUMM, M.L;GALLI, K.S.;ERDTMANN, B.K;BUSS, E;SILVA, P.R. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Rev Min Enferm.** 2014;18(2):284-9.

OLIVEIRA, L. T. S.; SANTANA, R.; SCHUNEMANN, H. E. S. Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola. **Rev. Int. de Form. de Professores(RIFP)**, Itapetininga, v. 2, n.2, p. 121-135, 2017.

OLIVEIRA, M. A.F.C. **Pesquisa ação com escolares de 1º e 2º graus: alguns aspectos de educação preventiva sobre DST e AIDS. 1997.** Dissertação (Mestrado 122 em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

OLIVEIRA, E. L.; REZENDE, J.M.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, v. 26, n. 1, p. 303-314, 21 dez. 2018.

QUEIROZ, R. V.; ALMEIDA, M. J. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de Ensino Médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Rev. Fac. Ciên. Méd.** Sorocaba. 2017;19(4):209-14.

RAMIRO, I; MATOS, M.G. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 684-692, 2008.

RODRIGUES, A. R. F.; SALLES, G.D. **Educação sexual, gênero e diversidade sexual: formação de professoras e alunas multiplicadoras como metodologia de ensino. II SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 8.2011, Londrina. Anais eletrônicos.** Londrina: UEL, 2011.

SANTIAGO, A. L.; NUNES, W.V.B.; CRUZ L. A. N. **Simplificando o sexo: Material de apoio para Educação Sexual em Biologia no Ensino Médio.** Sigeve.ead.unesp.br 2018 Acesso em: 05 Mai. de 2020.

SARMENTO, S. S.; ROCHA, J. B. T.; LIRA, M. O. de S. C.; COSTA, D. R. R. dos S.; SANTOS, M. B. F.; BARBOSA, K. M. G. Estratégias metodológicas nas abordagens sobre

IST no Ensino Fundamental. **REVASF**, v.8, n.17, p.83 –99, 2018. Disponível em: <http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/293>. Acesso em: 18 mai. 2020

SANTOS, E. V. L. S. **A Educação Sexual como ferramenta de combate à objetificação da mulher negra**. 2020. 102f. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2020.

SANTOS, R. S. N. **Educação para a Sexualidade: Uma abordagem necessária**. 2016 38fl. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa- Paraíba.

SOARES, P. Z.; MONTEIRO, S.S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. 2019. **Educar em Revista**, Curitiba; 35 n. (73):287-305.

SOUZA, E. J.; SILVA, J. P.; SANTOS, C. Educação Sexual na Escola: concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Interfaces Científicas**, v.3, n.3, p.51-62, 2015.

SILVA, M. M. **Elaboração de uma cartilha como recurso didático para o ensino de histologia**. Pernambuco, 2018; Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26258>; Acesso em 05 Mai. de 2020

SILVA, S.P.Cl. Discussing sexuality/sti in the school context: public school teacher's practices. **J Nurs UFPE online**, 2016 Nov; 10(5): 4295-303.

SILVA, R.C. **Orientação Sexual, Possibilidade de Mudança na Escola**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 125 p. UNESP, 2020.

SILVA, C. S. F.; BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des) caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12051

VIEIRA, M. P.; MELO, M. C.P. de; FREIRE, A.K. S.; CRUZ, N. M.; COÊLHO, V. S.; RIBAMAR D. S.; SILVA, G. E.; SOARES, F. A. A.; COSTA, M. M. Espaço dialógico sobre sexualidade na adolescência: e agora, professor? **REVASF**, vol. 7, n.14,p. 120-140, dez., 2017.

VILAÇA, T. (2016). Interação no núcleo da promoção de sexualidades saudáveis: competência para a ação e uso das tecnologias de informação e comunicação na escola. **Revista Linhas**, 17(34), 28-57.

ZERBINATI, J.; P.; BRUNS, M.; A.; T. **A sexualidade feminina contextualizada no filme “The Witch”**. *Leitura Flutuante*, v.8, n.1, p.77- 81, 2016.

ZOMPERO, A.F.; LEITE, C. M.; GIANGARELLI, D. C.; BERGAMO, M. C. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. **Revista Ciências & Ideias**, 2018; 9(1):101-114.

APÊNDICE A: Questionário:

Meu nome é Nivea Aparecida Alves de Moraes, sou mestranda do programa PROFBIO. Meu tema de dissertação é: **Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia do Ensino Médio** e gostaria de contar com o seu apoio para responder as questões abaixo. Saliento que seus dados pessoais serão mantidos em absoluto sigilo e que sua participação é voluntária podendo desistir de sua participação a qualquer momento. No entanto sua participação ajudaria enormemente em minha pesquisa. Os dados coletados aqui servirão para a composição de meu trabalho escrito e poderão ser publicados em revistas ou encontros científicos da área de educação e ensino de ciências.

Caso precise de maiores esclarecimentos, coloco-me a disposição pelo e-mail: niveabiologia@gmail.com ou telefone (038) 99192500

Dados pessoais:

Nome: _____

Idade: _____

Formação: _____

Tempo de formação: _____

Instituição _____ de _____ ensino _____ que
leciona: _____

Tempo _____ na
escola: _____

Pós-Graduação () sim () não.
Em: _____

01 - Você considera que os estudantes precisam de Educação Sexual?

() sim () não Porquê?

02- Para você, de quem é a responsabilidade pela educação sexual dos jovens?

() da família

() da escola

() de ambos

() outros:

Quais? _____

03- Como você define educação sexual?

04 - Percebe interesse dos alunos por esta temática?

() sim () não. Quais?

05 - Você já recebeu qualificação para trabalhar a educação sexual?
() sim () não. Se sim informe, quando e onde?

06- Se você já recebeu qualificação para trabalhar educação sexual, descreva como foi e se isso contribuiu para a sua prática.

07 - Você se sente preparado e a vontade para trabalhar esta temática em sala de aula?
() sim () não. Comente

08 - Acredita que a educação sexual contribui para que os jovens se tornem mais saudáveis e responsáveis sexualmente?

() sim () não.
Comente

09 - Costuma abordar esta temática em sala de aula? Por meio de que temas e qual a metodologia usada?

10- Que tipos de apoios recebe por parte da escola, dos colegas e dos pais, etc.?

11 - Você já desenvolveu um algum projeto e ou atividade ligado à educação sexual?

12- Na escola que você leciona sabe de algum professor desenvolve ações que aborda a educação sexual?

13- Na sua opinião quais tópicos deveriam ser abordados em Educação Sexual, quais pensa serem os mais necessários para os estudantes com quem trabalha?

14- Que obstáculos você considera que os professores encontram na implementação da Educação Sexual nas escolas?

15 – Este espaço está reservado para algo que deseja escrever e não foi perguntado nas questões acima. Deixe seu comentário.

APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista

- 01) Você atua como professor(a) da rede pública há quanto tempo?
- 02) O que significa Sexualidade para você?
- 03) Na sua opinião, quem deve informar os(as) adolescentes a respeito de Gênero e Sexualidade? Por que?
- 04) Você aborda esses temas durante as suas aulas de Biologia? Por que?
- 05) Você acha relevante discutir sobre sexualidade durante aulas de Biologia? Por que?
- 06) Em que momento do Ensino Médio você entende que esses temas devem ser adequadamente trabalhados?
- 07) Você já desenvolveu alguma atividade ligado à educação Sexual com seus alunos? Qual metodologia você utilizou?
- 08) Como você se sente ao discutir essa temática durante suas aulas?
- 09) Qual a maior dificuldade para trabalhar essas temáticas?
- 10) O Livro Didático de Biologia, escolhido por sua escola, auxilia na sua prática a respeito da temática Sexualidade?

APÊNDICE C



**PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino
de Biologia em Rede Nacional**



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Biológicas**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Meu nome é **Nívea Aparecida Alves de Moraes**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é **Mestrado em Ensino de Biologia**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Se tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Nívea Aparecida Alves de Moraes, na Escola Estadual Quintino Vargas, no telefone (38) 3561 1385, pelo e-mail niveabiologia@gmail.com ou ligação em qualquer horário para contato com o pesquisador, disponível inclusive para ligação a cobrar, no telefone (38)9 9919-2500

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitula-se: Educação para a Sexualidade - **Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia do Ensino Médio** e tem como objetivo analisar como a sexualidade é abordada em sala de aula pelos professores do Ensino Médio. Pretendo verificar quais são as metodologias usadas pelos professores de Biologia para abordar a temática educação sexual em sala de aula, bem como os principais desafios enfrentados por eles. Com essas informações será possível construir, em conjunto com os professores, materiais que os auxiliem e facilitem a abordagem da educação sexual/sexualidade no âmbito escolar.

Sua participação de docente se dá por meio de responder um questionário. O instrumento investigativo será dividido em duas partes, a primeira abrange a apresentação do entrevistado, onde será perguntado o nome do mesmo – havendo a opção de permanecer no anonimato, idade, sexo, tempo de formação e instituição de ensino em que leciona. A segunda parte será constituída por quinze perguntas sobre sexualidade, as quais serão de opinião pessoal.

Os riscos previstos decorrentes da participação na pesquisa incluem riscos de origem psicológica, intelectual e/ou emocional, como possibilidade de constrangimento e desconforto ao responder o questionário e participarem da entrevista, cansaço, gasto de tempo no decorrer da aplicação dos procedimentos e quebra de anonimato.

Para a prevenção dos riscos previstos da participação na pesquisa as seguintes medidas serão adotadas: garantia de sigilo e participação voluntária, interrupção da aplicação do questionário ou das perguntas a qualquer momento e prontamente quando solicitado pelos participantes, esclarecimento prévio sobre a pesquisa para os voluntários, garantia que as respostas serão confidenciais e aplicação dos questionários no período regular de aula não sendo necessário tempo extra para respondê-los.

Você, voluntário, pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as atividades do projeto estão previstas para ocorrer durante o horário regular de aula. Porém havendo necessidade de vir à escola em horário extra, as despesas que você (você e seu acompanhante, quando necessário) tiver (tiverem) relacionadas exclusivamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente (reforçamos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo). Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para ampliação da utilização de recursos didáticos de multimídias, como os infográficos, no ensino e aprendizagem de Biologia, que poderá promover uma aprendizagem eficiente, de qualidade no processo educativo da Educação Básica.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável: Nívea Aparecida Alves de Moraes

João Pinheiro-MG, ___ de _____ de _____.

APÊNDICE D- Livro paradidático

CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE



DISSERTAÇÃO: “Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia do Ensino Médio”

MESTRANDA: Nívea Aparecida Alves de Moraes

ORIENTADOR: Dr. João Paulo Cunha de Menezes



BRASÍLIA - UnB

Instituto de Ciências Biológicas - IB

Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE.

Produto de ação profissional resultante do TCM apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional-PROFBIO, do Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientador: Dr. João Paulo Cunha de Menezes

Coorientadora: Dr.^a Zara Faria Sobrinha Guimarães

Brasília

2020

Dedicatória

Esse trabalho é dedicado a todos os professores que se empenham por uma educação de qualidade, emancipatória e universal.

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir.

(Guacira Lopes Louro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES/APLICADORES.....	6
ATIVIDADE 1. AS siglas (ISTs/AIDS)	7
ATIVIDADE 2- ADOLESCÊNCIA	8
ATIVIDADE 3- MITO OU REALIDADE.....	10
ATIVIDADE 4-PATERNIDADE/MATERNIDADE: AGORA OU DEPOIS?.....	14
ATIVIDADE 5-CONTATOS PESSOAIS	15
ATIVIDADE 6- DINÂMICA - BELEZA E IDEALIZAÇÃO	17
ATIVIDADE 7: ESPELHO.....	19
ATIVIDADE 8- PORQUE TANTA DIFERENÇA?	21
ATIVIDADE 9- O CORPO TEM ALGUÉM COMO RECHEIO.....	23
ATIVIDADE 10- DIVERSIDADES SEXUAIS	26
SUGESTÃO DE VÍDEO: “EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”	28
SUGESTÃO DE VÍDEO: SEXO SEM CAMISINHA	29
SUGESTÃO DE VÍDEO: ACORDA! RAIMUNDO.. ACORDA.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

Apresentação do Material

Essa proposta didática é parte integrante da dissertação de Mestrado intitulada “Educação para a Sexualidade - Um estudo sobre as práticas dos professores de Biologia do Ensino Médio” do Programa de Pós-Graduação PROFBIO-UnB.

O material foi elaborado, juntamente com os professores participantes da pesquisa, na intenção de oferecer aos demais professores a oportunidade de interagir com a temática da educação sexual, utilizando recursos didáticos que relacionam o conhecimento científico com o cotidiano social.

Cada uma das atividades sugeridas apresenta uma organização básica com: título, objetivos, tempo de duração, materiais e desenvolvimento, além de uma breve introdução indicando como o professor deve conduzir a atividade.

ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES/APLICADORES

- Os professores têm total liberdade de adaptar as atividades de acordo com a sua realidade;
- O professor deverá conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas;
- É necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora;
- Em relação às questões de gênero, por exemplo, o professor deve transmitir, pela sua conduta, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente;
- Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos;
- Esteja atento para não expor intimidades de alunos;
- As turmas devem ser formadas por proximidade de faixa etária e com meninas e meninos para possibilitar a troca de opiniões;
- O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação.

Fonte: portal.mec.gov.br

As siglas (ISTs/AIDS)

Objetivo:

Discutir o processo da transmissão das ISTs/HIV assim como os riscos relacionados ao modo de transmissão e importância da prevenção.

Duração:

2 aulas de 50 minutos cada.

Materiais Necessários:

Cartões em papel sulfite, previamente preparados pelo professor.

Desenvolvimento:

Preparar um cartão para cada participante com a informação "SIGA AS INSTRUÇÕES" com exceção de três cartões onde deverá constar "NÃO SIGA AS INSTRUÇÕES". No verso de um cartão deverá estar assinalado um X e em outro um C. Distribuir os cartões e solicitar que as pessoas peguem a assinatura legível de 03 colegas, estimular que andem bem pela sala e peguem a assinatura de colegas que estejam em locais diferentes da sala. Após o término da coleta de assinaturas, todos deverão sentar em círculo.

O(a) professor(a) explica que aquele tempo de andar pela sala representou a vida das pessoas e os encontros, encontros sexuais. Será solicitado a apresentação do portador do cartão com X, este representará um portador de IST ou HIV. Solicita-se que ele/a leia o nome das três pessoas que assinaram seu cartão (cada assinatura representa um contato sexual sem proteção), as três pessoas vão levantando conforme forem sendo chamadas, ficam de pé e leem os nomes em seus cartões as pessoas sucessivamente vão lendo os nomes que constam de seu cartão e estas pessoas vão se levantando até que todo o grupo esteja de pé.

Ao final solicita-se que apresente a pessoa que tenha um C no cartão (este será um usuário de camisinha). Ao final, processa-se a dinâmica, perguntando quem está em risco de ter contraído HIV.

Com a atividade, objetiva-se discutir a vulnerabilidade às ISTs e a importância da prevenção.



Adolescência

A abordagem deste tema com os alunos busca favorecer a apropriação do próprio corpo pelos adolescentes, assim como contribuir para o fortalecimento da autoestima e conquista de maior autonomia, dada a importância do corpo na identidade pessoal. A ampliação é feita com a inclusão do estudo sobre as transformações globais da puberdade (adolescência), vistas no plano corporal e no aspecto relacional/social. As transformações do corpo consistem em: aceleração do crescimento (estirão), surgimento dos caracteres sexuais secundários diferenciados nos meninos e nas meninas e amadurecimento das potencialidades sexuais e reprodutivas.

Objetivos:

- Compreender as transformações do corpo ocorridas no início da adolescência;
- Favorecer a apropriação do próprio corpo pelos adolescentes;
- Contribuir para o fortalecimento da autoestima e conquista de maior autonomia, dada à importância do corpo na identidade pessoal.

Duração:

50 minutos

Materiais:

- Letra da música: Não vou me adaptar (para ser distribuída)
- Aparelho de som
- Folha de papel A4 - Cartolina - Lápis de escrever – Canetas hidrográficas coloridas

Desenvolvimento:

Cada aluno receberá uma cópia impressa da letra da música “Não vou me adaptar”, de Arnaldo Antunes, e em seguida a música será tocada e eles deverão ser orientados a acompanhar e refletir sobre a letra.



Não vou me adaptar
Eu não caibo mais nas roupas em que eu cabia
Eu não encho mais a casa de alegria
Os anos se passaram enquanto eu dormia
E quem eu queria bem me esquecia
Será que eu falei o que ninguém ouvia
Será que eu escutei o que ninguém dizia
Eu não vou me adaptar, me adaptar

Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho essa cara não é minha
Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho
A minha barba estava desse tamanho
Será que eu falei o que ninguém dizia
Será que eu escutei o que ninguém ouvia
Eu não vou me adaptar, me adaptar

Fonte: <http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/1287976/>

Após a audição da música, os alunos devem ser convidados a responder a algumas questões propostas pelo coordenador/aplicador da oficina, com o objetivo de que suas respostas sirvam de base para um debate sobre as transformações que normalmente ocorrem na adolescência



- 1- Por qual fase da vida está passando a pessoa representada na música?
- 2- Para você, o que é adolescência?
- 3- Identifique na letra da música os versos que retratam o desenvolvimento físico do adolescente.
- 4- Descreva os versos que demonstram o receio do jovem com relação ao mundo e discuta-os.
- 5- Quais as vantagens e desvantagens de ser adolescente?
- 6- Identifique algumas mudanças que já ocorreram ou que estão ocorrendo com você durante esta fase da vida.

- Em seguida, dividir a turma em dois grupos mistos e pedir para confeccionarem um acróstico com a palavra **ADOLESCÊNCIA**.
- Finalizar apresentando o acróstico.

Mito ou Realidade

Objetivo:

Refletir sobre os mitos relacionados à anatomia, fisiologia anticoncepção e infecções sexualmente transmissíveis (IST).

Duração:

30 a 45 minutos.

Material:

Tiras de papel com frases escritas (ver as frases na Folha de Recurso)

Observação: Leve em conta a sensibilidade dos adolescentes. Se o grupo rir da resposta de algum deles, lembre-se que todo mundo acredita num mito.

Desenvolvimento:


1. Diga aos jovens que vão participar de um jogo que os ajudará, a saber, a verdade sobre os mitos relacionados com a sexualidade.

Esclareça que, embora sexo e sexualidade estejam presentes em todas as áreas de nossa sociedade (televisão, livros, revistas e filmes), raramente a informação correta é fornecida. Explique que os mitos, boatos e superstições frequentemente são aceitos como realidade;

2. Divida o grupo em duas equipes e peça que fiquem em lados opostos da sala. Cada subgrupo deverá escolher um nome para si;

3. Apresente as tiras com as frases viradas para baixo. Peça a um voluntário de uma das equipes que escolha um dos papéis e leia o que está escrito em voz alta. Os membros da equipe podem falar entre si durante algum tempo para determinar se a frase é um mito ou uma realidade. O voluntário que fez a leitura deve anunciar a decisão final do grupo;





4. Em seguida, diga se a resposta está correta e marque um ponto sob o nome da equipe num cartaz. Continue com os demais voluntários das equipes, até que todas as frases tenham sido discutidas;

5. Marque um tempo para a discussão de cada frase. Aproveite esse tempo para dar informações adicionais, caso necessário;

6. Comente os pontos de discussão.

Sugestões para reflexão:

- Pergunte ao grupo se tem perguntas sobre alguns dos mitos;
- Diga ao grupo que muitas pessoas acreditam em alguns mitos, e que estes variam de acordo com época e a cultura;
- De onde provêm? Onde adquirimos informações sobre a sexualidade? É correta a informação que adquirimos? Onde podemos obter informações corretas?

Folha de Recurso do professor

Mito ou realidade?

A seguir, apresentamos algumas frases, com instruções para utilização no jogo de mitos e realidade. Leia cuidadosamente cada uma das frases para ver se são adequadas à sua comunidade e acrescente informações relevantes sobre as políticas e as leis que regulam a saúde reprodutiva dos jovens (quando escrever as frases, não escreva "Mito" ou "Realidade"):

- Realidade 1 - Uma vez que uma menina tenha tido sua primeira menstruação, poderá ficar grávida. Quando uma menina começa a ter os períodos menstruais, significa que seus órgãos reprodutores começaram a funcionar e que, por isso, pode ficar grávida. Entretanto, isso não quer dizer que esteja pronta para ter um filho, nem que seu corpo esteja maduro para tê-lo;
- Realidade 2 - Antes de ter sua primeira menstruação, a menina pode ficar grávida. Como os ovários podem liberar um óvulo antes de seu primeiro período menstrual, é possível, mas não frequente, que fique grávida antes da primeira menstruação;
- Mito 3 - Não é saudável para a menina lavar a cabeça ou nadar durante o seu período menstrual. Não há razão nenhuma para que uma mulher restrinja suas atividades durante a menstruação.

Atividade física diminui cólicas menstruais;

- Mito 4 - Sem penetração e ejaculação vaginal não há risco de gravidez. Pode ocorrer a gravidez sem penetração, caso o rapaz ejacule próximo a vagina (sexo nas coxas);
- Realidade 5 - Os jovens podem ter doenças sexualmente transmissíveis sem manifestar sintomas. Algumas doenças sexualmente transmissíveis manifestam sintomas facilmente reconhecíveis, outras não. A gonorreia, por exemplo, geralmente não apresenta sintomas na mulher. É importante consultar um médico se há suspeita de infecção, ou contato sexual com pessoa infectada;



- Mito 6 - Uma moça não pode engravidar se teve poucas relações sexuais. Uma mulher pode ficar grávida sempre que mantém relações sexuais, inclusive na primeira vez;

- Mito 7- As pílulas anticoncepcionais causam câncer. As pílulas, na realidade, protegem as mulheres contra dois tipos de câncer dos órgãos reprodutores (câncer endometrial e câncer dos ovários).

Entretanto, a pílula é um dos métodos anticoncepcionais mais seguros e eficazes e quaisquer que sejam os efeitos colaterais e riscos, estes são menores que as consequências da gravidez e do parto;

- Mito 8- Uma vez que se tenha curado da gonorreia, não se volta a contraí-la. Uma pessoa pode adquirir gonorreia tantas vezes quanto tenha relações sexuais com um parceiro infectado. Por isso, é importante que qualquer pessoa que tenha sido tratada de gonorreia (ou de qualquer outra doença sexualmente transmissível) certifique-se de que seu parceiro sexual também seja tratado;

- Realidade 9 - As camisinhas ou preservativos ajudam a prevenir a propagação das doenças sexualmente transmissíveis. As camisinhas são um método anticoncepcional efetivo, e também um modo eficaz de prevenir a propagação de muitas doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS;

- Mito 10-O álcool e a maconha são estimulantes sexuais. Têm exatamente o efeito contrário. O álcool e a maconha podem aumentar o desejo e reduzir as inibições, mas dificultam o ato sexual por reduzir o fluxo de sangue da área genital;

- Mito 11 - Uma moça pode saber sempre exatamente qual é o seu período fértil, a fim e evitar a gravidez. Ninguém pode estar absolutamente segura de quando ovula;

- Mito 12 - As meninas, em geral, são estupradas por estranhos. Uma grande percentagem dos estupros registrados é realizada por homens conhecidos das mulheres (amigos ou parentes);

- Realidade 13 - Uma moça pode ficar grávida na primeira vez em mantém relações sexuais. Uma moça pode ficar grávida na primeira vez ou em qualquer das vezes em que tenha relações sexuais, a menos que utilize um método anticoncepcivo eficaz;

- Mito 14- Se um jovem ou uma jovem mantém qualquer tipo de relação sexual com uma pessoa do mesmo sexo, significa que é e sempre será homossexual. Muitos adolescentes têm experiências homossexuais durante seu desenvolvimento, mas isso não quer dizer que são homossexuais.

4

Atividade

Paternidade/Maternidade

Agora ou depois?

Objetivos:

Ajudar os adolescentes a refletirem, sobre o impacto que um bebê teria em suas vidas agora e no futuro.

Refletir sobre os vários contextos socioculturais e características individuais, que podem ocorrer decorrente da gravidez na adolescência.

Duração:

30 a 40 minutos.

Materiais:

Folhas de papel sulfite, canetas.

Desenvolvimento:

1. Divida os jovens em grupos e dê a cada um, uma folha de papel com as informações, pedindo que pensem na forma como um filho afetaria suas vidas.
2. Faça com que as moças compartilhem suas ideias com os rapazes.
3. Comente os pontos de discussão.

Sugestões para reflexão:

Refletir as mudanças positivas e as negativas sobre os vários contextos socioculturais que podem ocorrer na gravidez na adolescência:

1. Educação/Carreira
2. Amigos/Vida social
3. Finanças/Dinheiro
4. Rotina Diária

Haveria diferenças no efeito que um filho pode ter na vida de uma moça e na de um rapaz?



Contatos Pessoais

Objetivo:

Facilitar a compreensão da transmissão sexual das ISTs.

Duração:

50 minutos.

Materiais:

Sala ampla, folha de papel, caneta e música alegre e movimentada.

Desenvolvimento:

1. O professor entrega a cada participante uma folha de papel (conforme modelo), com apenas uma figura já desenhada. Para cada grupo de 10 participantes, desenhar em cada folha apenas uma figura geométrica, sendo:
 - 1 triângulo; 2 quadrados (um por folha); e 7 círculos (um por folha)
2. Os participantes devem dançar pela sala e conversar com os colegas, com a finalidade de integração;
3. Em determinado momento, o facilitador solicita aos participantes que parem e copiem o desenho do colega que estiver mais próximo;
4. Repete esse processo por 4 (quatro) vezes;
5. Após o término da atividade, o facilitador pergunta se os participantes têm ideia do que significam as figuras;
6. Discute com o grupo o significado das figuras e o que aconteceu com cada participante:
 - Círculo = pessoa saudável;
 - Quadrados = portador de IST;



- Triângulo = portador de HIV.

Sugestões para reflexão:

- Quantos participantes começaram o jogo com círculos? Com quadrados? E com triângulos?
- Quantos participantes chegaram ao final do jogo sem triângulo na folha?
- O quê significa mais de um triângulo na folha? E mais de um quadrado na folha?
- É possível prever quem é portador de IST/AIDS, levando em conta apenas a aparência física? Você se preocupa com a ideia de contrair IST/AIDS?

Resultados Esperados:

Reconhecer as possibilidades de contaminação sexual de ISTs e AIDS, a cadeia de transmissão e sexo seguro.

Beleza e Idealização

Objetivo:

Encorajar o adolescente a aceitar o seu próprio corpo e a entender que os ideais de beleza também são estabelecidos pela cultura.

Duração:

40 minutos.

Materiais:

Revistas, cartolinas, lápis, pincéis, cola e tesoura.

Desenvolvimento:

- 1 - Formar grupos pequenos só com meninos e outros grupos só com meninas;
- 2 - Solicitar os grupos de meninos a conversarem entre si sobre o tipo de mulher que consideram ideais;
- 3- Cada grupo deverá fazer uma listagem com as características que considera importante. Utilizando-se de revistas, lápis, cola e tesoura, deverá fazer uma colagem, identificando os critérios que utilizou para o homem ideal e para a mulher ideal. Cada grupo apresentará sua colagem, referindo-se aos critérios evidenciados.

Pontos para discussão:

- a) Aceitação da aparência física por homens e mulheres;
- b) Como é a ideia de beleza do grupo?
- c) As mudanças que eu sinto, em mim mesmo, sobre minha aparência e meu jeito de ser, por influência da opinião de outras pessoas;
- d) Como são criados os critérios de beleza?

Resultado esperado: Ter promovido uma discussão sobre ideais de beleza e aceitação do seu próprio corpo.





Pontos para discussão:

Aceitação da aparência física por homens e mulheres. Será que é só aparência física que torna uma pessoa amável/querida?

Como é a ideia de beleza do grupo

Resultado esperado

Promover uma discussão sobre ideais de beleza e aceitação do próprio corpo.

Espelho

Objetivo:

Auxiliar o adolescente a tomar consciência da imagem que ele tem do seu próprio corpo.

Material:

Sala ampla e confortável, folhas de papel sulfite e lápis, caixa de som, música lenta.

Duração:

50 minutos.

Desenvolvimento:

Orientação geral (5 minutos):

1 - Pedir a todos os participantes que andem pela sala (descalços) ao som da música seguindo as instruções do professor:

Andar na ponta dos pés;

Andar apoiando o corpo no calcanhar;

Andar na chuva;

Andar em uma superfície quente;

Andar passando por urna porta estreita;

Andarem câmera lenta;

Andar em marcha ré.

Os adolescentes não deverão tocar o corpo do outro colega.

2 - Pedir a todos que parem onde estão, fechem os olhos, pensem na parte do seu corpo que acham mais bonita e atrativa, e guardem mentalmente essa imagem consigo.

Trabalho individual (10 minutos):

1 - Solicitar cada participante a sentar, a pegar sua folha de papel sulfite e a procurar esquematizar no papel a imagem captada pelo seu cérebro. Não colocar o nome.

2 - Lembrar que é somente um esquema e não um desenho artístico.



Trabalho em grupo (35 minutos):

- 1 - Pedir a cada participante que vire o esquema para baixo e aguarde.
- 2 - Quando todos terminarem, pedir que façam as folhas circularem, com o esquema para baixo.
- 3 - Pedir-lhes que parem de passar quando as folhas atingirem a metade do círculo, e que as desvirem.
- 4 - Cada participante, com uma folha nas mãos, comentará ou mostrará o que a pessoa conseguiu passar de sua imagem mental.
- 5 - Quando todos terminarem a tarefa, pedir que façam circular todos os esquemas, para serem vistos.
- 6 - Cada participante guardará sua folha.

Pontos para discussão:

- a) Os homens e as mulheres estão satisfeitos com suas formas físicas? Por quê?
- b) A forma como nos sentimos em relação ao nosso corpo é influenciada pelo que as pessoas do outro sexo acham interessante ou atraente?
- c) Existem partes do nosso corpo que podemos modificar. Por que e para que?

Resultado esperado

Os adolescentes terão vivenciado a oportunidade de tomar consciência das suas mudanças físicas e como nós mudamos nosso corpo para melhor nos adequarmos ao meio ou para nosso próprio bem.

Por que tanta Diferença?

Objetivos:

Discutir como os participantes percebem os papéis sexuais entre homens e mulheres na sociedade.

Duração:

40 minutos.

Materiais:

Sala ampla, folhas de papel sulfite, canetas, cartolinas ou papel manilha.

Desenvolvimento:

1 - Dividir os participantes em 6 grupos: 03 grupos do sexo masculino; 03 grupos do sexo feminino.

2 - Solicitar os 03 grupos do sexo masculino a discutirem em subgrupos:

*as vantagens de ser mulher;

*as desvantagens de ser mulher.

3 - Solicitar os 03 grupos do sexo feminino discutirem em subgrupos:

*as vantagens de ser homem;

*as desvantagens de ser homem.

Após a discussão, deverão preparar uma lista com as referidas vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher.

4 - Após a montagem da listagem, cada grupo apresenta seus resultados.

Observação: Nesta dinâmica de grupo, é proposital que os garotos pensem sobre as vantagens e, às desvantagens de ser mulher e vice-versa. Dessa forma, um sexo se colocará no lugar do outro.

Pontos para discussão:

a). Qual a origem dessas diferenças?



- b) Como essas diferenças são vistas em outras sociedades?
- c) Como essas diferenças afetam a vida dos homens e das mulheres?
- d) Quais das vantagens de ser homem ou mulher são reais e quais são estereotipadas?
- e) É possível ser homem e exercer alguns dos tópicos listados em “mulher” e vice-versa?
- f) O que significa “masculino” e “feminino”? É o mesmo que “macho” e “fêmea”?

Resultado esperado

Membros do grupo terão começado a pensar sobre as diferenças dos papéis sexuais impostos pela sociedade.



O corpo tem alguém com recheio

Objetivos:

Explorar o conceito de corpo, além de organismo biológico, e compreender a importância de valorizar as dimensões afetivas e sociais da educação e da atenção à saúde da população adolescente e jovem.

Duração:


2 aulas de 50 minutos cada

Materiais:

Lousa e giz, cópias do texto de apoio, folhas grandes ou rolo de papel pardo, canetas de ponta grossa, fita crepe, filipetas.

Desenvolvimento:

- O facilitador pede a dois voluntários (um homem e uma mulher) que se deitem sobre as folhas de papel, para que sejam feitos, pelos colegas, desenhos do contorno de seus corpos;
- Os cartazes com os contornos são colados na parede para que sejam incluídos, por todos os participantes, desenhos, símbolos ou palavras que representem detalhes da aparência externa e dos órgãos existentes no corpo do homem e da mulher;
- Ao final desta etapa, o facilitador distribui aos participantes as filipetas, para que sejam escritos, na forma de uma palavra ou frase curta, alguns sentimentos humanos considerados mais significativos;

- 
- As filipetas são afixadas, pelos próprios participantes, na parte dos corpos consideradas mais ligadas aos sentimentos indicados;
 - O facilitador procura sintetizar os resultados das colagens e abre-se um debate com vistas à identificação das expressões do grupo, lançando mão de algumas questões orientadoras:
 1. Houve mais facilidade para desenhar as partes do corpo feminino ou masculino?
 2. A inclusão de palavras e desenhos no corpo masculino e no feminino foi diferente?
 3. A localização dos sentimentos seguiu um certo padrão ou foi muito variada?
 4. Foi diferente para a figura do homem e para a figura da mulher?
 - O facilitador organiza a leitura coletiva e discussão do texto de apoio, abrindo para esclarecimentos e discussão ao final de cada parágrafo ou sempre que necessário;
 - O facilitador apresenta os objetivos da oficina e coloca as seguintes questões:
 1. Com quais objetivos é realizado hoje o ensino do funcionamento do corpo humano nas instituições nas quais atuamos?
 2. As estratégias utilizadas favorecem o alcance desses objetivos e levam em conta as dimensões psicossociais do cuidado do corpo e da saúde?

Texto de apoio:

Na educação escolar de muitas pessoas que hoje são profissionais da educação e da saúde, o estudo do corpo humano foi realizado por meio de comparações com uma máquina. Nas primeiras séries, eram estudadas as partes da máquina que podiam ser vistas. Nas séries mais adiantadas, o corpo ia ganhando um conjunto cada vez maior de órgãos e sistemas articulados numa engrenagem complicada e admirável! O estudo da sexualidade era restrito à biologia, ou, fora da aula de ciências, à afirmação de regras morais. Seria essa uma maneira “científica” de aprender sobre esse corpo, que é nosso meio de conhecer e experimentar o mundo e por meio do qual vivemos e expressamos nossa sexualidade? Na realidade, todo processo educativo inclui uma carga emocional e afetiva, que se expressa na seleção dos conteúdos e na forma como eles são ensinados. As pessoas, por sua vez, aprendem com seu próprio corpo, que pensa e sente. Mesmo sem perceber, incorporamos valores, preconceitos e ideologias às informações científicas relacionadas ao corpo e, em especial, às relacionadas à sexualidade. A forma tradicional de abordar esses conteúdos, baseada apenas na informação sobre anatomia e fisiologia, leva a um distanciamento entre a aprendizagem escolar e a vida das pessoas em sociedade. Para aprender “para a vida” é necessário promover a compreensão e a valorização de corpos reais, de pessoas reais: com características biológicas, com história, cultura e também com atitudes, comportamentos, habilidades e limitações. Corpos de pessoas com valores, desejos e fantasias, que têm relação direta com as épocas e os lugares em que elas vivem e constroem suas relações. Quando pensamos em cuidado do corpo, percebemos que a atuação dos profissionais de saúde também passou a ser fortemente baseada no tratamento de órgãos, sinais e sintomas. Muitos profissionais e serviços de saúde passaram a organizar suas práticas em torno de procedimentos que não tomam em conta as necessidades e características de seus “pacientes”. Chegamos a uma situação na qual a humanização da assistência em saúde aos seres humanos tornou-se prioridade! Será que esta tendência é inevitável?

Diversidades Sexuais

Objetivos:

Estimular a sensibilidade dos adolescentes ao se colocarem no lugar do outro, assim como perceberem quais os comportamentos e julgamentos são estabelecidos pela sociedade a partir da identificação dos sujeitos e das suas expressões da sexualidade.

Duração:

2 aulas de 50 minutos cada

Material:

Post-it ou folhas de papel sulfite previamente preparados pelo professor, canetas.

Desenvolvimento:

Peça ao grupo que faça uma roda e coloque um rótulo nas costas de cada participante. Informe que as pessoas poderão ver os rótulos das outras, mas que, para a atividade dar certo, não poderão saber o que está escrito no próprio rótulo.

Depois de colar os rótulos, peça às pessoas que andem pela sala, que leiam (mentalmente) o que está escrito nas costas dos (as) outros (as), e que demonstrem somente por meio de atitudes e gestos como a sociedade se relaciona com uma pessoa que tem essas características.

Sou muito legal	Sou um travesti	Sou bonito	Sou chato	Sou gorda	Sou gordo
Sou uma adolescente virgem	Sou um adolescente virgem	Tenho muita experiência sexual	Sou muito inteligente	Meu corpo é perfeito	sou jovem, vivo com HIV e quero iniciar minha vida sexual
Meu cabelo é crespo	Sou garoto de programa	Sou gay, mas ninguém sabe	Meu corpo é malhado	Sou homem, mas gosto de me vestir de	Sou mulher, vivo com HIV e quero ter um(a) filho(a)



				mulher para transar	
Sou bonita	Sou homem e estou apaixonado por um amigo	Sou mulher e estou apaixonado por uma amiga	Moro no melhor bairro da cidade	Quero ter a primeira transa depois de casado	Quero ter a primeira transa depois de casada
Moro na rua	Sou negra	Sou garota de programa	Sou feio	Sou negro	Sou feia
Sou lésbica, mas ninguém sabe	Sou uma adolescente com deficiência física	Sou índio	Sou índia	Tenho síndrome de down	Sou garoto de programa

Cinco minutos depois, informe que, agora, as pessoas poderão conversar reagindo aos rótulos que estão nas costas de cada um (a). Dê 5 minutos para essa conversa.

Solicite que parem onde estiverem e que: quem se sentiu bem tratado fique à esquerda da sala; quem se sentiu maltratado fique à direita e, ainda, quem se sentiu ignorado fique no meio. Uma vez divididos, peça que cada um(a) leia o seu rótulo e descubra quem era.

- Peça para se sentarem e explore, em plenária, as sensações que cada um(a) sentiu ao “entrar na pele” daquele(a) personagem.

Apresente os conceitos de discriminação e preconceito. De acordo com o Dicionário Houaiss:

Esclareça que, embora muitas vezes essas duas palavras sejam usadas como sinônimo, o preconceito está mais no campo da opinião e a discriminação implica atos concretos, isto é, a ação ou o comportamento.

Pergunte aos (às) participantes quais foram as situações que costumam gerar maior preconceito nos ambientes em quem eles(as) vivem e convivem.

Em seguida, pergunte quais populações costumam ser mais discriminadas e o porquê da existência desse tipo de atitude.

Explique que, agora, a ideia é se pensar nos tipos de preconceito/discriminação que existem em algumas instituições ou em determinados relacionamentos.

Eu não quero voltar sozinho

O filme conta a história de um adolescente deficiente visual, passando por descobertas sobre sua sexualidade. O filme aborda ainda o preconceito contra deficientes e homossexuais.

Link do vídeo: (<https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>)

Objetivo:

- Despertar o interesse pelo debate e a livre expressão, enfatizando a importância do respeito aos diferentes pontos de vista que forem expressos;
- Destacar a importância do respeito a todos os indivíduos com comportamentos sexuais diferentes daqueles seguidos pela grande maioria da sociedade.

Desenvolvimento:

Após passar o filme, o professor pode reunir os alunos em um círculo e convidá-los a um debate acerca dos pontos centrais do filme. O professor pode iniciar o debate questionando os estudantes sobre as impressões deles após assistirem o filme.

Pontos para discussão:

- A educação, a inclusão e as diversidades podem andar juntas?
- Na sua opinião qual fator interfere mais na exclusão de Leo, a deficiência visual ou a sua orientação sexual?
- Você acredita que discutir assuntos relacionados à diversidade e orientação sexual é importante para diminuir o bullying escolar?



Sexo sem camisinha

Objetivos:

Fazer uma crítica a atitudes inconsequentes, onde uma grande parte da sociedade está mais preocupada em não ter filho, do que adquirir uma IST.

O que você irá precisar: Um notebook, um Datashow e o vídeo “ Só um minuto: Sexo sem camisinha”. Se preferir, pode baixar o vídeo em um pendrive e utilizar a TV multimídia. Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=mRF0ZMaKCPM>

Desenvolvimento:

Passar o vídeo aos adolescentes, e após terem visto, fazer um círculo na sala, onde todos fiquem bem à vontade e possam ver uns aos outros, e iniciar o debate. Pode iniciar com a pergunta disparadora:

“ Qual a impressão que vocês tiveram após terem assistidos o vídeo”?

E a partir daí lançar perguntas a todos ou deixe-os à vontade para debaterem livremente, mas cuidado para não se perderem, por isso professor, sempre que isso acontecer, os norteie.

Pontos para discussão:

- Vale a pena correr o risco de ter relação sem o preservativo?
- Seja sincero, você pensa como os atores do vídeo?
- Muitos se preocupam somente com uma gravidez não prevista e acabam se esquecendo das IST's, a gravidez é mais preocupante do que uma IST?
- IST tem cara?
- “Não faço sexo por medo de engravidar”. E as IST's, será que está tudo bem se pegar?

“Acorda, Raimundo... Acorda!”.

E se as mulheres saíssem para o trabalho enquanto os homens cuidassem dos afazeres domésticos? Essa é a história de Marta e Raimundo, uma família operária, seus conflitos familiares e o machismo, vividos num mundo onde tudo acontece ao contrário. Disponível: <http://www.almascorsarias.com.br/2009/02/acorda-ramundo-acorda.html>

Objetivos:

Ampliar conhecimentos acerca das questões de gênero e favorecer conscientização para equidade entre os gêneros.

Desenvolvimento:

Após assistir ao filme, discutir com os alunos as impressões sobre o mesmo. O professor deverá incentivar todos os alunos a se expressem.

Posteriormente o professor, deverá, então, começar a discussão:

- O que eles e elas acham da dominação masculina? O que deve ser mudado? Como fazer?
- Quais as implicações das diversas situações de exclusão social vivenciadas pelas/os jovens no que diz respeito à dominação masculina?
- O que já ouviram falar ou sabem a respeito das violências, principalmente femininas, no âmbito doméstico?

Link do vídeo: PARTE 1: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rd6BiFzeaSM>

PARTE 2: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BBEnPg-JB7o&NR=1>



Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientação Sexual**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020

BRASIL, Ministério da Saúde- **Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação Saúde e Prevenção nas Escolas -SVS** - Programa Nacional de DST/ Aids

SEE, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – **Programa de Educação Afetivo-sexual – PEAS**. Guia de Oficinas. Belo Horizonte, 2005.